

UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
CENTRO DE CIÊNCIAS DO AMBIENTE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DO AMBIENTE E
SUSTENTABILIDADE NA AMAZÔNIA

DAMARIS TEIXEIRA PAZ

ASPECTOS CONSTITUTIVOS DO ENGAJAMENTO E PARTICIPAÇÃO DE
JOVENS EM COLETIVOS SOCIOAMBIENTAIS NA REGIÃO METROPOLITANA
DE MANAUS/AM

MANAUS, 2017

DAMARIS TEIXEIRA PAZ

ASPECTOS CONSTITUTIVOS DO ENGAJAMENTO E PARTICIPAÇÃO DE
JOVENS EM COLETIVOS SOCIOAMBIENTAIS NA REGIÃO METROPOLITANA
DE MANAUS/AM

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências do Ambiente e Sustentabilidade na Amazônia – PPGCASA/UFAM como parte dos requisitos para a obtenção do título de mestre em Ciências do Ambiente e Sustentabilidade na Amazônia, sob orientação da profa. Maria Inês Gasparetto Higuchi.

Manaus, 2017

Ficha Catalográfica

Ficha catalográfica elaborada automaticamente de acordo com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

P348a Paz, Damaris Teixeira
Aspectos Constitutivos do Engajamento e Participação de Jovens em Coletivos Socioambientais na Região Metropolitana de Manaus/AM / Damaris Teixeira Paz. 2017
77 f.: il.; 31 cm.

Orientadora: Maria Inês Gasparetto Higuchi
Dissertação (Mestrado em Ciências do Ambiente e Sustentabilidade na Amazônia) - Universidade Federal do Amazonas.

1. Engajamento Socioambiental. 2. Grupo de Jovens. 3. Cuidado Ambiental. 4. Análise de Conteúdo. I. Higuchi, Maria Inês Gasparetto II. Universidade Federal do Amazonas III. Título

DAMARIS TEIXEIRA PAZ

ASPECTOS CONSTITUTIVOS DO ENGAJAMENTO E PARTICIPAÇÃO DE
JOVENS EM COLETIVOS SOCIOAMBIENTAIS NA REGIÃO METROPOLITANA
DE MANAUS/AM

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências do Ambiente e Sustentabilidade na Amazônia – PPGCASA/UFAM como parte dos requisitos para a obtenção do título de mestre em Ciências do Ambiente e Sustentabilidade na Amazônia, sob orientação da profa. Maria Inês Gasparetto Higuchi.

Aprovada em 03/03/2017

Banca Examinadora:

Maria Olívia de Albuquerque Ribeiro Simão, Dra.

Genoveva Chagas de Azevedo, Dra.

Daniele da Costa Cunha Borges Rosa, Dra.

Manaus, 2017

AGRADECIMENTOS

À minha querida orientadora Maria Inês Gasparetto Higuchi que me ensinou a dar os primeiros passos na pesquisa científica e tem me inspirado constantemente a ser uma pesquisadora, uma profissional e uma pessoa cada vez melhor, pelo seu exemplo e dedicação ao trabalho.

À equipe do LAPSEA pelos muitos momentos de partilha de conhecimentos e aprendizados mais também de ternura e companheirismo.

Aos coletivos de jovens que voluntariamente participaram desta pesquisa e que contribuíram significativamente para a sua realização. Grupo nos quais eu me senti acolhida e respeitada como jovem pesquisadora.

Aos professores do PPGCASA-UFAM pelos ensinamentos durante as disciplinas.

Aos membros das Bancas de Qualificação e de Defesa pela disponibilidade e contribuição com este trabalho.

Ao Renato Azevedo, meu querido companheiro, por todo o seu apoio durante esse importante período.

À minha família, que sem o apoio e força, mesmo que a distância, eu não teria chegado tão longe.

À FAPEAM e ao CNPq pelo apoio financeiro.

RESUMO

O engajamento socioambiental tem sido uma estratégia bastante evidente entre os jovens. Diversos são os coletivos que atuam com interesse voltado para as questões ambientais em cuja atividade os jovens se encontram. Este trabalho investigou os aspectos constitutivos dessa mobilização, participação e vivências grupais na visão dos jovens atuantes. O estudo de abordagem qualitativa, descritivo exploratória, foi desenvolvido a partir de entrevistas semiestruturadas abordando questões sociodemográficas, questões relativas às motivações, interesses e preocupações a respeito do meio ambiente. Foi investigado ainda o tipo de crenças que regem esse comportamento socioambiental por meio de escalas sociais. Além disso, foram analisadas as formas de envolvimento no grupo e os dispositivos individuais e sociais que fazem interlocução nessa efetividade da atuação no grupo socioambiental. Foram entrevistados 19 jovens (8F e 11M) com idades de 16 a 29 anos, moradores da região metropolitana de Manaus-AM, integrantes de quatro coletivos socioambientais. Os resultados mostram que o interesse ambiental dos jovens surge por diversos fatores como experiências diretas com o ambiente e pela contribuição de pessoas importantes como os membros da família. Embora seja no ingresso ao grupo que o engajamento socioambiental efetivamente se forma. Essa participação e engajamento dos jovens nos coletivos formam uma experiência significativa em suas vidas dando-lhes empoderamento, desenvolvimento pessoal e responsabilidade. Apesar de muitos benefícios, a atuação em grupo deve lidar internamente com as características de cada membro e ainda com pressões externas, advindas dos diversos contextos sociais e ambientais.

Palavras Chave: Engajamento Socioambiental; Grupos de Jovens; Cuidado Ambiental

ABSTRACT

The environmental engagement it has been a strategy quite evident among young people. Several youth groups act with interest attached for environmental issues. This dissertation investigated the constitutive aspects this mobilization, participation and experiences in vision of young people. This research of qualitative approach, descriptive exploratory, was developed starting of descriptive exploratory with sociodemographic questions, questions about emotions, interest and concern about the environmental respect. Investigated the types of beliefs governing this socio-environmental behavior by means of social scales. Besides that, analyzed the forms of involvement in the group and the individuals and socials devices involved in effectiveness of the action in socio-environmental groups. Were interviewed 19 young (8F and 11 M), with 16 to 29 years old, living in Manaus-AM metropolitan region, members of four socio-environmental groups. The results showed the environmental concern is create for many factors as direct experiences with environmental and contribution of important people as family members. Though be on the entree in the group as the socio-environmental engagement forms effectively. This youth's participation and engagement formed a significant experience in your lives giving empowerment, personal development and responsibility. In spite of many benefits, group work must deal internally with the characteristics of each member and with external pressures from different social and environmental contexts.

Keywords: Socio-environmental engagement; Youth Groups; Environmental Care

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	10
CAPITULO 1	16
ELOS DE APROXIMAÇÃO ENTRE JOVENS NO PROTAGONISMO AMBIENTAL . 16	
Introdução	16
1. Juventude e Meio Ambiente	16
2. Métodos e técnicas	20
3. Resultados e Discussão	21
3.1 A formação do interesse socioambiental	24
3.3 Preocupação ambiental	26
3.4 Crenças Ambientais	28
Considerações Finais	31
CAPITULO 2	32
INSERÇÃO DOS JOVENS EM GRUPOS SOCIOAMBIENTAIS	32
Introdução	32
1. Juventude e os movimentos ambientais	33
2.Método e Técnicas	36
3. Resultados e discussão	37
3.1 A entrada no grupo socioambiental	38
3.2Motivação para permanecer no grupo	41
3.3Significados de participar do grupo	43
Considerações Finais	45
CAPITULO 3	46
ATUAÇÃO SOCIOAMBIENTAL EM GRUPO	46
Introdução	46
1. Atuação em grupos socioambientais	47
1.1 Características dos Grupos	49
2. Métodos e Técnicas	50
3. Resultados e Discussão	51
3.1 Importância do grupo	53
3.2 Modos de ação socioambiental	55
3.3 Necessidades para boa atuação no grupo	56
3.4 Entraves para boa atuação no grupo	59
3.5 Contribuição da família na participação no grupo	62

Considerações Finais	65
PALAVRAS FINAIS	67
REFERÊNCIAS	69
APÊNDICE 1	75
APÊNDICE 2	76
ANEXO	78

APRESENTAÇÃO

Diante dos desafios atuais inerentes à crise ambiental global, torna-se imperativo traçar estratégias para o seu enfrentamento. A sustentabilidade é hoje um caminho viável para a construção de novas relações entre a sociedade e o ambiente. A crise ambiental e a busca pela sustentabilidade deixam mais claro o papel da conduta humana nessa intervenção no ambiente. Para isso é necessário rever tanto questões macro, (tais como: modelo de desenvolvimento vigente, as relações entre as instituições, entre as pessoas, as formas de produção); quanto micro (dentre elas: práticas e características que diferenciam os indivíduos diante das situações em que se inserem). Esse entendimento vertical e profundo pode elucidar uma relação diferenciada que favoreça um maior cuidado ao ambiente e garanta a efetivação da dignidade humana (CORRAL-VERDUGO, 2012; CITRON-MOSCOSO, 2010).

No tempo pós revolução industrial, essas ações foram danosas e prejudiciais ao ambiente, produzindo cenários insustentáveis. Se as macro questões têm sido postas à mesa para compreender esse cenário, não devemos esquecer que esta é composta por micro aspectos que partem dos indivíduos, que em última instância compõem a sociedade, como coletividade. Por isso, tão importante quanto as macro questões, torna-se imprescindível investigar as formas de pensar e agir das pessoas sobre sua relação com o ambiente. Ao desvelar a constituição desses sujeitos é que se pode pensar em intervenções educativas adequadas e eficazes para enfrentamento das macro questões.

Esta pesquisa tem como foco o comportamento pró-ambiental que é canalizado e desencadeado em coletivos, que é um termo utilizado pela psicologia ambiental para definir um comportamento ou uma conduta de cuidado com o ambiente (PATO, 2004; KAPUDERWAN et al., 2012; DRESNER et al., 2015). O estudo dessas relações entre as pessoas e o ambiente tornou-se muito importante a partir das discussões sobre a crise ambiental, pois é a conduta humana que implica no cuidado (ou não) com o ambiente. Parte das pesquisas nessa área tem identificado atributos constituintes na formação de sujeitos engajados, com um comportamento diferenciado, voltado ao cuidado ambiental.

Esses atributos podem ser: valores, atitudes, crenças, orientação de futuro, dentre outros aspectos (TURAGA et al., 2010; KERKMAM, 2015; PATO, 2006; DINIZ e PINHEIRO, 2014) que contribuem para a constituição desse comportamento. Sabe-se que não há uma determinação única e direta para essa questão, mas cada pessoa, individualmente, traz

sua história tecida a partir de suas vivências e características singulares. Há uma rede de relações de aspectos e características que contribuem (ou não) para que uma pessoa se interesse, se preocupe e assim atue na busca de uma sociedade mais sustentável. Entretanto, as características individuais ou psicossociais, dialogam com um contexto sociocultural amplo onde a pessoa está inserida, inclusive de cunho histórico (MEYER, 2015; AGUILAR et al., 2014; CITRON- MOSCOSO, 2010; COLLADO et al., 2015; KAPLAN, 2000). As ações que as pessoas assumem como cuidado ambiental são, portanto, também diferenciadas a partir de vários aspectos socioculturais atreladas a um determinado contexto ambiental.

Ao considerar-se o indivíduo como protagonista da ação, entende-se que não há um comportamento pró-ambiental único e superior, como não há uma origem única responsável por tal desempenho. Há comportamentos, que são adotados em contextos diferenciados e relacionados a diferentes aspectos constituintes do meio ambiente, tais como o uso de recursos naturais, as formas de descarte de resíduos, o uso de energia, o uso da água, as formas de mobilidade, o consumo de produtos industrializados na alimentação e vestuário, as formas de ativismo ambiental, a participação em processos de disseminação de novos hábitos ecológicos, dentre muitos outros (TAPIA-FONLLEMet al., 2013; LEE et al., 2014; KARPUDEWAN et al., 2012).

Pensando-se na coletividade atuante no cenário socioambiental, vários grupos atuam com igual importância, mas com responsabilidades diferenciadas (FERNANDES; HIGUCHI, 2014; SILVA, 2015). Este estudo está focado na juventude, e mais particularmente com jovens que já estão envolvidos em atividades que tem a relação pessoa-ambiente como interesse. O olhar sobre a juventude coopera na compreensão desses aspectos, por ser um público atuante e que se destaca no protagonismo social atual.

Na última década a juventude no Brasil tem tido um destaque demográfico bastante expressivo. Os jovens somam, hoje, um quarto da população do País. Isso é, no Brasil temos 51,3 milhões de jovens de 15 a 29 anos, sendo 84,8 % vivendo nas cidades e 15,2 % no campo (IBGE, 2010). Segundo dados da pesquisa para analisar o perfil dos jovens brasileiros feita pela Secretaria Nacional da Juventude (SNJ, 2013), da Secretaria Geral da Presidência da República com apoio da UNESCO, entre os assuntos que os jovens consideram mais importantes para serem discutidos pela sociedade, apenas 24% dos jovens citaram as questões sobre meio ambiente e desenvolvimento sustentável. Entretanto, ainda na mesma pesquisa, o fenômeno das mudanças climáticas é visto por 58% dos jovens como um desafio muito importante a ser enfrentado no Brasil e a destruição do meio ambiente considerada o

problema que mais preocupa 25% dos jovens (sendo esta a preocupação prioritária para 4% deles).

Isso é um ponto bem interessante no contexto socioambiental, visto que na Pesquisa Agenda Juventude Brasil (SNJ, 2013) 91% dos jovens acreditam que a juventude detém a capacidade de mudar o mundo. Historicamente isso pode ser confirmado, pois parte das grandes mudanças ocorridas na sociedade, tiveram participação juvenil ativa (SANDER, 2010). Por esta razão, no contexto das mudanças socioambientais com o foco na sustentabilidade, pode ter nos jovens um ativismo participativo que nos indica uma condição de melhor entendimento da sociedade como um todo. O protagonismo juvenil é indispensável no processo de socialização, no exercício da cidadania e na busca da sustentabilidade.

A participação de jovens num processo participativo sobre questões do meio ambiente teve um marco importante no Brasil com ações do Ministério do Meio Ambiente (MMA), em parceria com o Ministério da Educação (MEC), quando em 2002 estimulou o programa de Conferências do Meio Ambiente nas Escolas, que culminou com a I Conferência Nacional Infanto-Juvenil pelo Meio Ambiente em 2003 (MEC/MMA, 2003). A partir desse movimento muitas conferências nacionais aconteceram, mas o legado para as cidades foi a abertura para que os jovens, identificados pelo interesse socioambiental e pelo comportamento pró-ambiental manifestado, pudessem se mobilizar para formar coletivos e ampliar suas ações e projetos de sustentabilidade. Na região Metropolitana de Manaus-AM, surgiram alguns coletivos que se destacaram nestas atividades, e são esses jovens atuantes que esta pesquisa procura incluir.

Alguns questionamentos orientaram esse estudo a fim de investigar o comportamento pró-ambiental juvenil em coletivo. Que características individuais ou socioculturais contribuem/contribuíram para esse tipo de atuação? O que move esses jovens atuantes a se mobilizarem sobre questões ambientais? Que tipo de ações esses jovens desempenham e que os distingue dos demais? Qual o contexto socioambiental que une tais jovens em coletivos? Que tipos de circunstâncias (im)possibilitam a expressão do comportamento pró-ambiental via coletivos socioambientais?

A partir dos resultados da investigação dessas questões apresentadas neste trabalho, espera-se contribuir para um maior aprofundamento sobre as variáveis que colaboram para que esses jovens se tornem sujeitos engajados em ações que busquem melhorias e transformações expressivas na relação pessoa-ambiente. O objetivo geral do trabalho foi analisar como jovens atuantes em coletivos de proteção ao meio ambiente na região

metropolitana de Manaus/AM se distinguem na busca de comportamentos pró-ambientais. E os objetivos específicos foram: Compreender as principais motivações para atuação grupal em questões socioambientais; Caracterizar as experiências vividas que marcaram o interesse pelas questões ambientais; Elencar aspectos contextuais que esses jovens consideram importante para a efetiva participação em coletivos e consequente formação do comportamento pró-ambiental.

Para atingir tais objetivos esta pesquisa qualitativa, descritiva exploratória utilizou uma abordagem multimétodos (GUNTHER et al., 2011). A abordagem multimétodos é quando dois ou mais métodos são utilizados para a pesquisa do objeto ou em função dos objetivos de um estudo. Tem como propósito diminuir os vieses de procedimentos que ressaltam apenas um aspecto do objeto, assim os resultados obtidos por técnicas diferenciadas ao serem integrados fornecem um conhecimento mais profundo do objeto. Isso se justifica principalmente por que o comportamento humano é muito complexo para ser explicado por apenas um método (GUNTHER et al., 2011).

Foram utilizadas as técnicas de entrevista semiestruturada e a aplicação de uma escala social do tipo likert – a escala das Crenças Ambientais de Pato (2004) com 26 itens. A escala foi aplicada individualmente antes da entrevista, com tempo médio de 20 minutos de aplicação. A entrevista semiestruturada foi realizada individualmente com cada participante em local e horário agendados previamente com eles. As entrevistas foram áudio-gravadas e posteriormente transcritas para análise.

As escalas sociais do tipo likert foram analisadas estatisticamente a partir de estatística descritiva. Os dados coletados nas entrevistas foram submetidos à Análise de Conteúdo (BARDIN, 1977), que consiste em identificar o conteúdo latente das respostas dadas na entrevista. Com a identificação desse conteúdo foi possível criar categorias para as respostas, identificando pontos comuns e divergentes nelas. Assim, após a construção das categorias foi possível relacioná-las com outros dados obtidos no trabalho. De modo específico a análise de conteúdo se divide em pré-análise; exploração do material e tratamento dos resultados; a inferência e a interpretação. Durante a pré-análise foram destacados trechos da transcrição que podiam servir como material de análise e de categorização (ibid). A exploração do material, a formulação das inferências e a interpretação das narrativas dos participantes, foram norteadas pelos objetivos do estudo. A categorização das respostas consiste na definição de aspectos consensuais dentre os discursos dos participantes, vinculados aos objetivos da pesquisa. As categorizações passaram pela validação de dois juízes que consideraram

adequadas as divisões das categorias propostas. Esse conjunto de análises auxiliou na elucidação das questões da pesquisa. As análises consideraram informações relevantes do perfil dos jovens como, formação, atuação profissional, gênero e renda familiar.

Participaram desse estudo jovens atuantes em coletivos socioambientais, cuja caracterização socioambiental designa não apenas interesse nas questões ambientais por si só, mas uma dimensão político-social atrelada aos problemas vivenciados. Os coletivos cujos jovens estão engajados possuem características gerais semelhantes, isto é, atuam em causas pró ambientais. No entanto, a forma de atuação e o foco são distintos tanto ideológica como organizativa. Um dos coletivos foi Iranduba-AM (cidade pertencente à área metropolitana de Manaus), chamado aqui de *G1* possui foco em atividades de educação ambiental em escolas. O segundo grupo foi o de voluntários de uma ONG internacional, o grupo *G2* com foco em campanhas de proteção das florestas e combate à mudança climática. O terceiro grupo foi o *G3*, que lida com a conservação de quelônios, formado por jovens universitários voluntários em Manaus-AM. O quarto grupo o *G4* envolve jovens de uma organização em rede em Manaus-AM que atua em mobilizações e formações sobre as políticas de clima principalmente. Além destes, três jovens ex-atuantes de coletivos atualmente inativos participaram da pesquisa, sendo dois desses ex-participantes do *G5* e um ex-participante de um movimento social chamado aqui de *G6*.

Este projeto foi submetido ao Comitê de Ética em pesquisa da UFAM e aprovado seguindo todos os procedimentos solicitados pela RE 196/1996-2012, sob o parecer de número 1.660.619 (Anexo 1).

Os resultados desse estudo são apresentados em três capítulos. Optou-se por escrevê-los no formato de artigos científicos, contemplando cada um deles com os objetivos específicos da pesquisa. Portanto, em alguns momentos parte das informações descritas na apresentação e nos capítulos serão repetidas para o leitor da dissertação.

No capítulo 1 são apresentadas as experiências vividas que colaboram para o surgimento do interesse nas causas ambientais e os aspectos contextuais do comportamento pró-ambiental. Nele é discutida a contribuição da família no comportamento pró-ambiental e de outros fatores que contribuíram para essa aproximação dos jovens com as causas ambientais.

No capítulo 2 são discutidas as motivações da participação nos coletivos, os significados que essa participação tem para os jovens. Além disso, são apresentados o resgate histórico e teórico sobre o conceito de juventude.

No capítulo 3 apresenta-se uma discussão acerca da atuação juvenil em grupo. Como essa participação ocorre e quais fatores dificultam ou facilitam esse trabalho coletivo. É também apresentado um perfil de cada grupo que participou da pesquisa.

Para fechamento da dissertação, o último capítulo é o das considerações finais, onde são problematizados todos os achados do estudo de forma a cumprir a abordagem multimétodos, que propõe a unificação das informações para responder ao objetivo geral do estudo. Por fim são apresentadas as referências bibliográficas e apêndices da dissertação.

CAPITULO 1

ELOS DE APROXIMAÇÃO ENTRE JOVENS NO PROTAGONISMO AMBIENTAL

Introdução

A juventude no Brasil representa um expressivo grupo demográfico, constituindo um quarto da população (IBGE, 2010). Esse segmento traz inovações e aspectos distintos para a formação de uma sociedade que mesmo trazendo uma história proposta e estruturado pelos adultos que o antecedem, transformam e criam novos andamentos sociais. Na questão ambiental isso é muito evidente, de modo que é na juventude que reside esse desejo mais contundente de ser capaz de trazer transformações na sociedade atual (SNJ, 2013).

Historicamente isso pode ser confirmado, pois parte das grandes mudanças ocorridas na sociedade, tiveram participação juvenil ativa (SANDER, 2010). Por esta razão, no contexto das mudanças socioambientais com o foco na sustentabilidade, pode ter nos jovens um ativismo participativo que nos indica uma condição de melhor entendimento da sociedade como um todo. O protagonismo juvenil é indispensável no processo de socialização, no exercício da cidadania e na busca da sustentabilidade. Ao considerar essa aproximação juvenil às questões ambientais é necessário evidenciar as características desse grupo que se identifica como juventude.

1. Juventude e Meio Ambiente

Muitos autores consideram a juventude como uma categoria social plural. Como condição social a juventude é um momento da vida muito especial que, influenciada pela cultura e pelo contexto histórico, proporciona um dinamismo notável (SOUZA e PAIVA, 2012; FERNANDEZ et al., 2014). Porém em cada contexto a juventude será vivida de maneira diferenciada, de modo que a realidade em que os jovens estão inseridos acaba por condicionar a forma como sua juventude é vivida (FERNANDEZ et al., 2014).

O reconhecimento da juventude como um período que compreende fatores relacionados a transformações biológicas, psicológicas, sociais e culturais, está intimamente atrelado com a história do reconhecimento e construção da infância. Esse processo de

reconhecimento começou a ser construído na Europa, junto com a constituição das famílias nucleares. As crianças começaram a ser tratadas como seres que precisavam ser preparados para a vida adulta, mas essa atenção da sociedade se restringia aos âmbitos da casa e da escola (LOPES; VASCONCELOS, 2006). Os jovens por muito tempo também foram considerados seres a devir, indivíduos que estariam em construção e que precisavam ser preparados para a fase adulta (PERONDI, 2013). Esse tratamento dado aos jovens limitava o seu poder de intervenção social, pois, foram sendo enxergados como menores e menos importantes frente aos adultos.

Um marco na consideração dos jovens como sujeitos de direitos, no Brasil, foi a criação do Estatuto da Criança e do Adolescente em 1990 (PEIXOTO, 2011). A partir daí as políticas públicas para as crianças e adolescentes ganham força e mais incentivos. Os jovens também passam a ganhar mais espaço para garantia de seus direitos específicos. Tanto em nível nacional quanto internacional. Isso decorre também de um fenômeno iniciado na década de 90 chamado por ‘onda jovem’, que se caracteriza como um alto crescimento demográfico das pessoas na fase da juventude (SOUZA; PAIVA, 2012). No Censo de 2010 (IBGE, 2010) as pessoas com idade entre 15 e 29 anos no país compreendiam um total de 51,3 milhões, o que corresponde a aproximadamente $\frac{1}{4}$ da população nacional, sendo 84,8 % vivendo nas cidades e 15,2 % no campo. Um número expressivo que reforça a necessidade de mais estudos para a compreensão dos fenômenos que ocorrem com essa população específica.

Segundo a Organização Mundial de Saúde- OMS, a juventude compreende a fase da vida de 15 a 24 anos. No Brasil, oficialmente, a juventude compreende a faixa de idade que vai de 15 a 29 anos. Essa extensão na implementação de políticas públicas se justifica: por uma maior dificuldade dessa população ganhar autonomia e pelo aumento da expectativa de vida da população (SOUZA; PAIVA, 2012; GONÇALVES, 2010).

Ao considerar o contexto atual vivenciado pela juventude, a modernidade traz aspectos que influenciam diretamente a forma como esse momento será vivido. Uma juventude imersa nas consequências da modernidade e que nasceu com ela, hoje é a geração da web, do celular e das demais tecnologias, mas é também a geração que já nasceu ouvindo falar sobre o aquecimento global e as mudanças ambientais. As gerações que nascem nos anos 2000, já nascem com a comprovação científica de que a mudança climática ocorrida no planeta se potencializa com as demandas humanas, cujas ações ameaçam a vida (GONÇALVES, 2010).

Na Pesquisa Nacional sobre o Perfil e Opinião dos Jovens Brasileiros, realizada em 2013 (SNJ, 2013) foi destacado que os jovens solicitam políticas específicas e que estes atuam na sociedade de maneira diferenciada. Apesar dos temas de interesse de preocupação apresentados pelos jovens serem predominantemente a saúde, a segurança e a educação. A questão ambiental passa a crescer como campo de interesse dentre eles, na pesquisa 24% dos jovens indicou querer discutir com a sociedade assuntos sobre meio ambiente e desenvolvimento sustentável (SNJ, 2014). Mesmo que a causa ambiental não esteja como questão à frente das necessidades imediatas, o interesse pelo tema vem crescendo de uma geração para a outra (BIROLLI, 2011). Os jovens atuais têm sido expostos a processos educativos onde os temas ambientais são presentes na escola, na TV, na internet e nos grupos que participam (PERONDI, 2013).

Entretanto, ainda na mesma pesquisa, o fenômeno das mudanças climáticas é visto por 58% dos jovens como um desafio muito importante a ser enfrentado no Brasil e a destruição do meio ambiente considerada o problema que mais preocupa 25% dos jovens (sendo esta a preocupação prioritária para 4% deles). Isso é um ponto bem interessante no contexto socioambiental, visto que na Pesquisa Agenda Juventude Brasil (SNJ, 2013) 91% dos jovens acreditam que a juventude detém a capacidade de mudar o mundo.

Nesse capítulo são discutidas as contribuições dos aspectos pessoais para o surgimento do interesse nas questões ambientais e a formação de um comportamento pró-ambiental. O comportamento pró-ambiental tem sido largamente estudado em diversas áreas das ciências humanas e sociais. Vários estudos mostram o quanto é complexo desvelarmos as condições e a natureza desse comportamento, que não é um constructo único, mas polissêmico (UZZEL, 2000). O surgimento do interesse e o próprio engajamento dos jovens em coletivos com a temática ambiental, têm como base características individuais e sociais que foram construídas ao longo de suas vidas. Há uma rede de relações de aspectos e características que contribuem (ou não) para que uma pessoa se interesse, se preocupe e assim atue na busca de uma sociedade mais sustentável.

O comportamento pró-ambiental tem como preditores algumas características pessoais, tais como: crenças, valores, visão de mundo, atitudes, cultura, afeto, orientação de futuro, nível de educação formal, gênero, renda, dentre outros aspectos (GIFFORD, NILSSON, 2014; COELHO et al., 2006, TURAGA et al., 2010; CORRAL-VERDUGO et al., 2013; AGUILAR-LUZÓN et al., 2014; KERKMAM, 2015; PATO, 2006; DINIZ, PINHEIRO, 2014). Tais características são construídas ao longo do tempo pelas experiências

vividas pela pessoa, onde há contribuições do entorno, da família, da escola, dos amigos, etc. Entretanto, as características individuais ou psicossociais, dialogam com um contexto sociocultural amplo onde a pessoa está inserida, inclusive de cunho histórico (MEYER, 2015; AGUILAR-LUZON et al., 2014; CITRON- MOSCOSO, 2010; COLLADO et al., 2015; KAPLAN, 2000).

Na fase da infância, a família tem uma grande contribuição para o interesse ambiental do jovem, visto que é o espaço de socialização primária, tendo os pais um papel importante na construção dos valores dessa pessoa. Principalmente no surgimento do interesse e identificação com a natureza, os pais têm o poder de impedir ou de fomentar a relação da criança com a natureza (WINDHORST; WILLIAMS, 2015). Na infância, esse contato com a natureza é muito importante para a formação da conexão dessa pessoa com o ambiente, pois ao ver adultos respeitando e cuidando da natureza a criança terá um repertório de boas práticas nas quais pode se inspirar (VESELINOVSKA et al., 2010).

Já na juventude os espaços de socialização se ampliam, o que permite aos jovens terem experiências diferenciadas que contribuem para a formação da sua identidade. Como a escola/faculdade, os coletivos, os amigos e outros espaços sociais (SARRIERA et al., 2012). O interesse pelas questões ambientais surge nos jovens de maneira diferenciada. Os jovens encontram nos coletivos sociais a possibilidade de saciar sua necessidade de participação, inserção e de visibilidade. Por ser um espaço que agrega problemas concretos e uma dimensão ético-moral, a temática ambiental acaba sendo um atrativo para a participação dos jovens (CARVALHO, 2007).

Todos esses aspectos juntos contribuem para a formação de crenças ambientais. As crenças ambientais que orientam o comportamento pró-ambiental são divididas em duas polaridades: crenças antropocêntricas e crenças ecocêntricas. A crença biocêntrica (ou ecocêntrica) apresenta uma visão do ser humano integrado à natureza. Já a crença antropocêntrica o ser humano é visto como tendo um controle sobre a natureza, onde esta serve aos propósitos humanos (ROSA et al., 2015; HERNANDEZ et al., 2009; CAMPOS, POL, 2010).

Segundo Pato (2004) as crenças são estruturadas num sistema, onde a pessoa associa situações tendo como referência o que é estabelecido pelo grupo social e pelo contexto cultural. É uma organização das representações psicológicas acerca de uma realidade física e social (ROKEACH, 1972). É a partir desse sistema que os processos cognitivos e

motivacionais são guiados. As crenças são criadas com base em estímulos, informações sobre o objeto da crença e resíduos de experiências pessoais passadas. São formadas com base na experiência pessoal que corresponde à realidade. Representam as informações que a pessoa tem de si mesma e do seu ambiente físico e pessoal (FISHBEIM, AJZEN, 1975).

Os motivos pelos quais as pessoas cuidam (ou não) do ambiente variam de acordo com o conjunto de crenças que elas têm sobre o ambiente. Em muitas ocasiões, há um distanciamento entre as crenças e o comportamento. Apesar das crenças orientarem uma postura pró-ambiental, por exemplo, o comportamento não o é. Isso ocorre principalmente por dificuldades concretas na realização desse comportamento e que tem a ver com vários “dragões da inação” (GIFFORD, 2011). Essa incongruência entre o pensar e agir também ocorre porque as crenças e os comportamentos apesar de estarem fortemente relacionados representam níveis diferentes. As crenças representam o nível abstrato e os comportamentos estão no nível do que é concreto, de modo que é mais fácil uma adaptação a um contexto pró-ambiental no nível abstrato do que no nível concreto (BERTOLDO et al., 2013).

Todos esses aspectos inerentes ao indivíduo contribuem para a formação de uma identidade social ambiental. Como diz Carvalho (s/d) é um modo de ser, que se orienta pela busca de um estilo de vida mais ecológico. Uma busca por ações e escolhas que protejam o ambiente, inclusive no engajamento cívico em torno das questões socioambientais. Aqui são discutidos aspectos indicados como importantes entre os jovens, os quais se constituem base de seu engajamento protagonista nas questões ambientais.

2. Métodos e técnicas

Esse estudo de base qualitativa, descritiva-exploratória foi desenvolvido a partir de extratos de uma entrevista semiestruturada aplicada a jovens atuantes de coletivos socioambientais. Os coletivos foram identificados a partir de um levantamento inicial numa etapa da Conferência de Juventude e Meio Ambiente em Manaus, ocorrida em 2015, e pela própria indicação dos demais entrevistados de coletivos dentro do perfil da pesquisa. A pesquisadora solicitou a autorização dos coletivos para a realização da pesquisa e eles indicaram de três a cinco jovens para participar das entrevistas. Os participantes foram selecionados pelo critério de acessibilidade, com participação no grupo há pelo menos 6 meses.

As entrevistas foram realizadas individualmente em locais e horários agendados com o participante com duração média de 20 minutos. Além das entrevistas, os participantes responderam a um questionário com perguntas sobre o seu perfil e com uma escala social do tipo likertconstruída por Pato (2004), a Escala de Crenças Ambientais. A escala possui 26 itens com cinco graus de concordância que variam de 1 (Discordo Plenamente) a 5 (Concordo Plenamente). O estudo foi devidamente aprovado pelos critérios éticos¹.

As entrevistas foram analisadas segundo a Análise de Conteúdo, seguindo as etapas dessa análise: pré-análise; exploração do material e tratamento dos resultados; a inferência e a interpretação. Na pré-análise fez a leitura geral do material de transcrição das entrevistas para questão ou conjunto de questões. Com a identificação do conteúdo latente das respostas foi possível separar as falas em categorias de acordo com as suas diferenças ou semelhanças. Essa categorização passou pela avaliação de duas pessoas que atuaram como juízes para verificar se as categorias haviam sido descritas adequadamente ao conteúdo que elas abrangiam. Os resultados apresentam as categorias que emergiram a partir da análise orientada pelos objetivos da pesquisa.

3. Resultados e Discussão

Foram entrevistados 19 jovens, sendo 8mulheres e 11 homens, com idades de 16 a 29 anos, participantes de quatro coletivos distintos de atuação na área socioambiental. Um dos coletivos foi Iranduba-AM (cidade pertencente à área metropolitana de Manaus), chamado aqui de *G1*. O segundo grupo foi o de voluntários de uma ONG internacional, o grupo *G2*. O terceiro grupo foi o *G3*, que lida com a conservação de quelônios, formado por jovens universitários voluntários em Manaus-AM. O quarto grupo o *G4* envolve jovens de uma organização em rede em Manaus-AM. Além destes, três jovens são ex-participantes de coletivos atualmente inativos. Totalizando então integrantes de seis coletivos, os grupos inativos foram incluídos porque estavam sem atividade a cerca de um ano, fato que não impedia os jovens de contribuir com informações úteis à pesquisa.

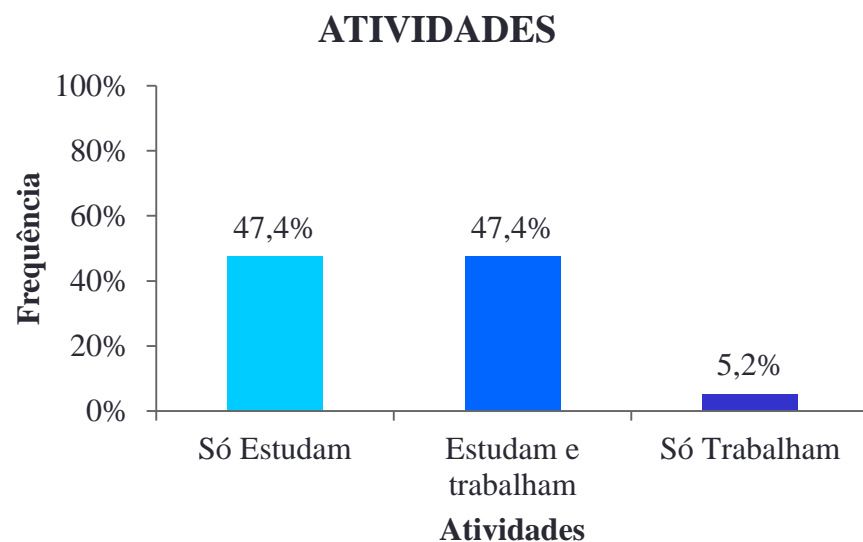
Os participantes vivem na região metropolitana de Manaus-AM, nas cidades de Manaus-AM (15), Iranduba-AM (3) e Novo Airão- AM (1). A escolaridade dos jovens variou

¹Avaliado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal do Amazonas, sob CAAE: 56650316.2.0000.5020

de ensino superior completo (5), ensino superior em andamento (12), e preparando-se para iniciar o ensino superior (2). Apenas um deles, o participante mais velho, interrompeu a faculdade de Engenharia Ambiental para dedicar-se ao trabalho também na área. A maioria desses jovens dedica-se a buscar aperfeiçoamento e formação profissional na área em que atuam voluntariamente (ambiental). Apenas dois jovens, os mais jovens desse grupo de entrevistados, são os que almejam atuar em profissões de áreas distintas da ambiental. Os demais ou já atuam ou pretendem exercer suas atividades em funções que envolvam a temática ambiental, mesmo aqueles que queiram atuar com comunicação, educação, publicidade ou direito.

Seis (6) participantes moram sozinhos ou com o cônjuge, os demais jovens (13) moram com a família. A saída de casa tem relação tanto com a necessidade de continuar os estudos em outros locais quanto pela independência financeira já conquistada. Pois, quatro dos seis jovens que não moram mais com as famílias já trabalham, os outros dois fazem estágios remunerados. Dos treze jovens que ainda moram com a família, seis já trabalham. Mas quase todos (12) ainda estudam, inclusive na pós-graduação (Gráfico 1).

Gráfico 1 – Atividades desenvolvidas



Fonte: da autora

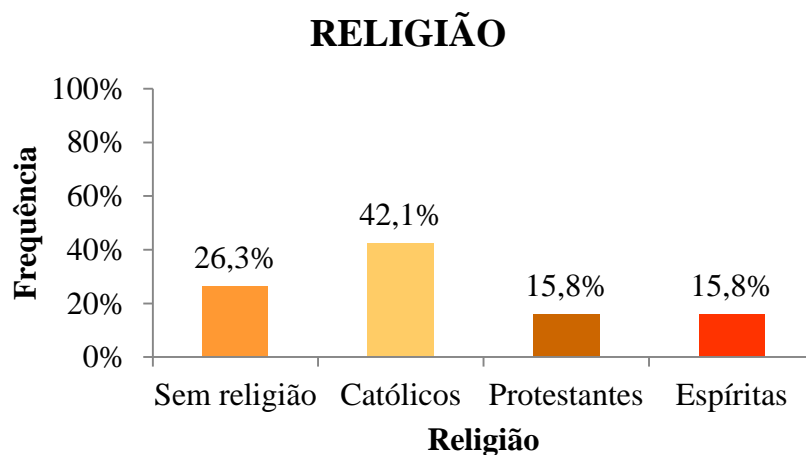
Esses jovens se diferenciam da maior parte dos jovens brasileiros nessa questão, pois segundo Silva et al. (2015) ao analisarem o perfil dos jovens trabalhadores brasileiros a partir dos dados da PNAD de 2006 e de 2013, verificaram que os jovens de 18 a 24 (maioria dos jovens aqui pesquisados) trabalham em média 36,51 horas semanais e possuem em média 9,8

anos de estudo. O que significa que em 2013, a maior parte dos jovens trabalhadores não tinha se formado no ensino médio (equivalente a 12 anos de estudo). Ainda sobre a formação, apesar do acesso ao ensino superior ter aumentado no país, os índices ainda são baixos, segundo Corbucci(2016), no Censo de 2010 apenas 18,7% dos jovens de 18 a 24 anos haviam tido esse acesso. Os jovens aqui entrevistados fazem parte dessa população que tem o acesso ao ensino superior, seja nas instituições públicas ou particulares de ensino.

Considerando a renda familiar e a renda *per capita*, os jovens participantes podem ser considerados de classe média (ABEP, 2015), pois 17 participantes declararam ter uma renda domiciliar *per capita* de R\$667,00 a R\$2.000,00. Dois afirmaram possuir renda familiar *per capita* acima de R\$3.000,00, sendo, portanto, de classe média alta. O que permite a esses jovens ter acesso a recursos relevantes para o lazer, informação, formação profissional e cultura.

A religiosidade desses jovens é diversa como apresenta o Gráfico 2, porém cinco (5) deles disseram não ter religião. Os demais se dizem cristãos católicos (8), cristãos evangélicos (3) e espíritas (3). Pouco mais da metade dos participantes (10) disseram já ter participado de outros coletivos como grupos de jovens de igrejas ou outros movimentos como o movimento Punk, contra a corrupção, movimento estudantil (centros acadêmicos), ONGs, projetos acadêmicos na área ambiental e projetos sociais. E alguns deles ainda participam de outros coletivos como os já citados e até outras organizações na área ambiental. Isso mostra que o engajamento cívico observado nesses jovens é expressivo.

Gráfico 2 – Tipo de Religião



Fonte: da autora

O contexto da participação efetiva dos jovens nas atividades socioambientais muda muito, inclusive dentro do próprio grupo. Alguns exercem claramente uma distinção de liderança formal por meio de um cargo, outros não têm essa distinção tão clara. A maioria dos participantes atua de modo voluntário, mas há alguns que de alguma forma, seja por meio de contrato de trabalho ou por projeto de iniciação científica, após um tempo de voluntariado passaram a ser remunerados pelo trabalho desenvolvido. São estes jovens que mostram suas experiências e a associação delas com sua participação em coletivos socioambientais.

Considerando-se que fatores pessoais estão inevitavelmente atrelados ao respectivo comportamento pró-ambiental manifestado no grupo, este estudo partiu do questionamento dessas implicações na conformação do coletivo que o jovem acaba por se engajar. Aqui serão apresentados aspectos, que apesar de contribuírem com o engajamento socioambiental dos jovens, não estão diretamente associados ao grupo, mas sim na diossincrasia de cada membro. Nesse sentido, os jovens mostram que a adesão ao grupo é um produto e produtor de sua história com outros e que se entrelaça com suas próprias características na formação do interesse e preocupação ambiental, das crenças e comportamento pró-ambiental.

3.1A formação do interesse socioambiental

É inevitável a escolha que cada indivíduo faz sobre suas atuações sociais, mesmo que esta tenha aspectos socioculturais e contextuais envolvidos. Para os jovens entrevistados nesse estudo, o interesse pelas questões ambientais ocorreu de forma diferenciada entre os jovens, de modo que três categorias emergiram a partir das narrativas apresentadas. Para alguns jovens (42,1%), foi um acontecimento pontual, para outros (36,8%) se deu pela contribuição de uma pessoa em especial, e para alguns (21%) dos jovens foi a convivência com pessoas já engajadas socioambientalmente.

Um acontecimento pontual

O interesse pelas questões ambientais para 42,1% (8) dos jovens foi iniciado a partir de um acontecimento pontual. A partir do qual os jovens passaram a enxergar as questões ambientais de uma maneira mais próxima. Dentre os acontecimentos há a participação em seminários e feiras de ciências, vídeos e a participação em cursos. Como exemplo:

*“Aí eu acho que foi esse videoclipe que me motivou a lutar por causas ambientais, porque nesse vídeo aparece muitas campanhas do * , e as pessoas sendo presas, ou atacadas por madeireiros, ou árvores sendo cortadas, baleia sendo morta. E eu fiquei bastante impactado sabe [...]” (M, 23)*

“eu comecei a participar, perto de casa eu participei da OELA, [...] que é a Oficina Escola de Lutheria da Amazônia, Aí eu já gostava de trabalhar essas questões ambientais [...] acho que eu tinha uns 14, 14 ou 15 anos, [...] aí eu fiz esse curso de educação ambiental lá. Aí foi desde daí que eu comecei a gostar” (M, 25)

Observa-se nesses casos, a contribuição de outros espaços de socialização além da família. Eventos que ocorreram na adolescência dos jovens entrevistados. Há um sentimento construído de pertença a causa ambiental, onde eles sentem que podem contribuir e serem importantes para a defesa ambiental, pois a causa ambiental tem se mostrado interessante aos jovens por ser um espaço onde eles podem contribuir para a construção de mudanças sociais (CARVALHO, 2007).

A contribuição de uma pessoa em especial

Para parte dos jovens (7 - 36,8%) teve uma pessoa que os influenciou continuamente em algum momento de suas vidas a se preocupar mais com o ambiente e com as questões sociais. Essa ligação emocional fez com que as percepções dos jovens sobre tais situações fossem modificadas. O surgimento do interesse ambiental ocorreu durante a infância e adolescência. Dentro da família ou na escola, por convívio com uma pessoa que já tinha interesse e identificação com o ambiente. Dentre as pessoas importantes nessa transformação tem avós, pais, professores e tios. Os trechos a seguir mostram essa contribuição:

“E sempre ele me falou: eu tenho muito amor a terra, aos animais. Então posso dizer que o meu avô foi uma grande influência pra mim” (M, 29)

“É, eu tive uma professora, quando eu tava na sétima série, que ela falava bastante sobre a causa ambiental, [...] como a gente poderia preservar, como a gente poderia mudar as coisas” (F,24)

Aqui se observa a grande contribuição dos adultos no surgimento do interesse ambiental dos jovens. Torna-se comprobatório também para ações socioambientais que ao observar comportamentos e atitudes de cuidado ambiental a criança e/ou jovem adolescente se inspira em fazer o mesmo (WINDHORST; WILLIAMS, 2015; VESELINOVSKA et al., 2010).

A convivência com pessoas engajadas socioambientalmente

A convivência direta com problemas ambientais e com o grupo socioambiental fez com que 21% (4) desses jovens passassem a se interessar mais pelas questões ambientais. Como é demonstrado nas falas a seguir:

“Começou durante a graduação mesmo, acho que foi mas a convivência com pessoas da minha turma ou conhecidos que participaram, e eu acho que foi na minha primeira viagem mesmo” (F, 24)

“Eu acho que a Rio +20, eu quis muito ir mas eu não pude. Então eu fiquei aqui me reunindo com os grupos que tavam indo e discutindo algumas questões daqui.” (F, 29)

Como mostram as falas acima, a proximidade dos problemas ambientais pode fazer com que as pessoas se envolvam de uma maneira mais efetiva para combatê-los. Além disso, o contato com os coletivos ambientais possibilita aos jovens novos laços de amizade e a construção de conhecimentos mais aprofundados sobre os problemas ambientais. Isso permite que eles se envolvam cada vez mais com a causa e o grupo ambiental (REES; BAMBERG, 2014; LARSON et al., 2015).

Verifica-se que de uma maneira geral, o interesse pelas questões ambientais surgiu durante a infância e a adolescência. Apesar de nem todos manifestarem esse interesse imediatamente, em dado momento encontra um espaço propício para expressar algo que foi sendo gestado consciente ou inconscientemente. Enquanto o afloramento em prol de causas ambientais dá-se antes de ingressar nos coletivos, esse interesse cresce e se efetiva com a participação nas atividades do grupo. Tal participação, no entanto, está associada e depende em boa dose de apoio externo, como a família.

3.2 Preocupação ambiental

A preocupação ambiental é um dos fatores que contribuem com a intenção de agir pró-ambientalmente. A preocupação ambiental envolve necessariamente um contato de proximidade ou de maior conhecimento acerca dos problemas ambientais. Diferente do interesse ambiental, que é um construto mais geral e abrangente. Nessa seção são apresentados os problemas ambientais com os quais os jovens mais se preocupam e os critérios que eles utilizam para escolher as ações ambientais que desejam realizar.

Ao falar sobre os problemas ambientais que mais os preocupam, os jovens citaram problemas de três naturezas diferenciadas: problemas abrangentes (52,6%), problemas tanto locais quanto globais (26,3%), e problemas próximos (21%).

Problemas Abrangentes

Entre os jovens, 52,6% (10) se mostram preocupados com problemas de grande amplitude tais como o aquecimento global e poluição das águas. Nem sempre associados a uma realidade específica do jovem.

“Acho que mais a questão do aquecimento global mesmo, é o que mais me preocupa. Porque é ele que causa todas as mudanças climáticas praticamente que vem ocorrendo no mundo” (M, 29)

“O desperdício de água, eu acho que água é vida né, se você desperdiça tanto um dia pode faltar pra todos” (F, 22)

Os jovens, principalmente os universitários, tem cada vez mais acesso às informações ambientais, seja por meio da mídia ou dos seus próprios cursos de graduação (CÔRTEZ et al., 2016). Esse acesso faz com que eles se preocupem mais com os problemas ambientais, principalmente os abrangentes, pois são os mais divulgados e discutidos.

Problema Local e Global

A preocupação que inclui não apenas problemas de escala local, mas também global é compartilhada por 26,3% (5) dos jovens atuantes em coletivos socioambientais. A capacidade de ver tanto o seu entorno como o planeta, parece reger essa preocupação.

“Em relação a uma escala local o que mais me preocupa é o processo de urbanização no município de Iranduba, eu percebo a gente perdendo boa parte da floresta que tem no município [...] A nível internacional eu percebo a falta de cooperação, não só a nível internacional mas eu acho também local, a falta de cooperação entre as diferentes políticas, as diferentes instituições pra trabalhar as questões ambientais [...]” (M, 23)

“acho que mais me deixa preocupada é caça ou comercialização ilegal [...] A poluição também das águas, dos mares, dos rios dando problemas, afeta todo o ambiente né, eu acho que são grandes problemas assim.” (F, 24)

As pessoas valorizam as suas preocupações com problemas ambientais de acordo com os prejuízos que esses problemas podem causar para si mesmos, para as outras pessoas ou para a biosfera (AMÉRIGO; GARCIA, 2014). Os jovens com preocupações locais e globais percebem diferentes problemas ambientais, em diferentes níveis e com um olhar sobre as causas e as consequências dos mesmos. Eles têm um olhar mais amplo sobre as dinâmicas socioambientais, compreendendo que há relações entre os problemas locais e os problemas

globais. O que pode estar associado a maiores níveis de conhecimento sobre as questões ambientais.

Problemas próximos

Para 21% (4) dos jovens vivenciar na pele problemas ambientais os aproximou das preocupações ambientais. São aqueles problemas ambientais próximos a sua realidade ou que eles tiveram contato a pouco tempo.

“Queimada. Porque quando a gente viaja pro interior tem algumas áreas que a gente vê que tá tendo aquele ataque, porque é um ataque mesmo.”(M,21)

“Eu diria que é um antigo que pouco se discute que é a degradação ainda das áreas verdes de Manaus que acarreta assim muita morte de animais silvestre. Falo isso porque eu tô trabalhando com isso e eu vejo isso né.” (M, 25)

Quanto mais próximo é o problema ambiental, maior é a vontade da pessoa em participar de ações para enfrentá-lo (LARSON et al., 2015). No entanto, neste grupo de entrevistados, essa realidade foi a que manteve menor percentual. A proximidade com o problema ambiental pode ser por causa do trabalho, do local de moradia, da área de estudo ou por outras experiências. Que podem favorecer um conhecimento maior sobre tal problema e também fazer com que o jovem vivencie as suas consequências. Há nesse aspecto uma individualização evidente, e que na maioria dos jovens isso não aconteceu, mostrando uma postura menos reacionária e mais política.

A preocupação ambiental é um fator individual atrelado ao lugar onde a pessoa vive, ao seu conhecimento ambiental e às suas experiências de vida. Os jovens se preocupam tanto com problemas de grande amplitude como problemas mais locais e regionais. Na sua maioria, são capazes de apontar soluções para tais problemas, onde há o envolvimento dos cidadãos comuns, das ONGs e movimentos sociais e do governo. Essa preocupação os movimenta a procurar maneiras de intervir na realidade e buscar mais informações sobre tais problemas.

3.3 Crenças Ambientais

As crenças são orientadoras do comportamento, as crenças ambientais orientam o comportamento pró-ambiental. As crenças são formadas ao longo da vida das pessoas, com base no conhecimento adquirido, nas experiências vividas e no contexto sociocultural onde

estão inseridas. Os autores as dividem em duas polaridades: crenças antropocêntricas (ser humano no controle da natureza) e crenças ecocêntricas (ser humano integrado à natureza) (ROSA et al., 2015; HERNANDEZ et al., 2009; CAMPOS, POL, 2010).

Os resultados das médias obtidas em cada frase da escala mostram que esses jovens têm predominantemente crenças ambientais ecocêntricas. Os graus de concordância foram significativamente maiores nos itens que expressavam crenças ecocêntricas, e menores nos itens de crenças antropocêntricas. Nas tabelas 1 e 2 estão as frases das crenças ecocêntricas e antropocêntricas e os resultados de suas médias respectivamente.

Tabela 1 – Crenças Ecocêntricas

Crenças Ecocêntricas	Legenda	Média
Evitar desperdícios dos recursos naturais deve ser um compromisso de todos nós brasileiros.	CA1	4,9
A reciclagem contribui para a diminuição dos problemas ambientais gerados pelo uso abusivo de papéis.	CA3	4,3
Reciclar latas de alumínio é uma fonte de economia para as indústrias.	CA4	3,7
A luta dos ambientalistas ajuda a melhorar a nossa qualidade de vida.	CA6	4,1
Se as coisas continuarem como estão, vivenciaremos em breve uma catástrofe Ecológica.	CA7	4,4
Evitar a compra de produtos poluentes faz com que as empresas se preocupem mais com o meio ambiente.	CA8	4,0
As pessoas deveriam boicotar as empresas que poluem o meio ambiente para exigir produtos ecologicamente corretos.	CA9	3,9
Se existissem mais campanhas esclarecendo a população sobre os problemas ambientais, a situação brasileira estaria melhor.	CA11	3,9
Alimentos produzidos organicamente são melhores para a saúde humana.	CA13	4,5
O homem é o responsável pelo desequilíbrio na natureza.	CA16	4,4
É possível manter o equilíbrio ecológico e ter uma boa qualidade de vida.	CA18	4,6
Os homens estão abusando do meio ambiente.	CA19	4,5
Os problemas ambientais são consequência da vida moderna.	CA21	3,4
A interferência dos seres humanos na natureza frequentemente produz consequências desastrosas.	CA22	4,1
Separar o lixo conforme o tipo ajuda na preservação do meio ambiente.	CA24	4,1
O consumismo agrava os problemas ambientais.	CA26	4,1

Tabela 2 – Crenças Antropocêntricas

Crenças Antropocêntricas	Legenda	Média
As pessoas exageram os problemas ambientais provocados pelo uso do automóvel.	CA2	1,8
O Brasil é um país com muitas riquezas naturais e é impossível que essas riquezas acabem apenas pelas ações humanas.	CA5	1,9
O lixo é responsabilidade apenas do órgão de limpeza urbana.	CA10	1,2
O governo deveria se preocupar mais com os problemas sociais do que com os ambientais.	CA12	2,4
Os ecologistas estão preocupados demais com as plantas e os animais e se esquecem das pessoas.	CA14	2,1
A natureza tem uma capacidade inesgotável de se recuperar dos danos provocados pelas ações humanas.	CA15	1,7
Os recursos naturais estão aí para servir ao homem	CA17	2,3
A nossa qualidade de vida depende diretamente dos bens de consumo que possuímos.	CA20	2,1
O equilíbrio da natureza é forte o suficiente para se ajustar aos impactos das nações industriais modernas.	CA23	1,6
Usar muito papel causa problemas sérios, mas eu não posso fazer nada sobre isso.	CA25	1,3

Esses resultados mostram que os jovens participantes de coletivos socioambientais têm mais crenças ecocêntricas. Crenças de que a natureza tem valor intrínseco a si e que o ser humano está integrado ao ambiente. Isso demonstra que as razões para o comportamento pró-ambiental desses jovens está também no fato deles acreditarem que é necessário cuidar do ambiente. Fator este que pode estar diretamente relacionado com a participação deles em coletivos socioambientais (CÔRTEZ; MORETTI, 2013; KARPUDEWAN et al., 2012; CAMPOS; POL, 2010), pois os grupos fortalecem a atuação deles na proteção ambiental.

Ao evidenciarem as crenças predominantemente ecocêntricas que os movem, esses jovens acreditam na interdependência dos seres humanos e do ambiente e na necessidade da proteção ambiental. Esse estudo corrobora com o pressuposto de que as crenças ecocêntricas auxiliam na construção do comportamento pró-ambiental, neste caso na mobilização socioambiental em coletivos. Tais constatações possivelmente tenham contribuído para o engajamento em coletivos preocupados com a questão socioambiental.

As crenças ecocêntricas também podem ter sido constituídas e/ou fortalecidas a partir do envolvimento dos jovens com o grupo. Uma vez que a formação das crenças sofre influência das experiências das pessoas e do seu convívio social. De qualquer forma, os jovens que buscaram um grupo para se engajar socioambientalmente possuem hoje crenças que embasam comportamentos pró-ambientais.

Considerações Finais

A aproximação de um indivíduo com o tema ambiental percorre diversos caminhos, mas para esses jovens alguns fatores pessoais como um interesse nato ou desenvolvido, uma preocupação que surge ao se deparar com um problema, seja presencial ou narrativamente, formam redes que tecem um encontro com outros que tenham o mesmo ideal. Aspectos esses que estão atrelados a crenças onde o entendimento da relação pessoa-ambiente reside nas confluências de cuidado que favoreça de igual forma qualquer ente do ecossistema, uma vez que ambos são partes de um mesmo mundo. Essa condição de ser um sujeito socioambiental é um conglomerado de aspectos que juntos manifestam um indivíduo que se completa num grupo que almejava se inserir para dar vazão aos seus ideais.

Verifica-se que há uma contribuição importante de membros da família e de outras pessoas como professores e amigos para o surgimento desse interesse, que ocorre muitas vezes em períodos importantes para a construção dos valores e da identidade da pessoa, como a infância e a adolescência. Essa vontade de participar, de provocar mudanças na realidade e de cuidar do ambiente só ganha força e efetividade nos coletivos socioambientais.

É nesse momento em o jovem tem a oportunidade de integrar iniciativas mais coletivas de proteção ambiental. O convívio com outros jovens, a partilha de informações e as vivências em grupo passam a fortalecer a vontade do jovem em agir pró-ambientalmente. Além de poder ter alguns aprendizados que serão muito importantes para o seu engajamento socioambiental. Pois ao analisar as falas desses jovens verifica-se que a participação no grupo é um fator que muda a maneira com que eles se relacionam com essas questões. É na atuação coletiva que se sentem impulsionados a desenvolver e consolidar ações pró-ambientais.

CAPITULO 2

INSERÇÃO DOS JOVENS EM COLETIVOS SOCIOAMBIENTAIS

Introdução

O envolvimento com coletivos que atuam sobre as questões socioambientais é um acontecimento que envolve um processo complexo. Apesar de haver aspectos contextuais, aos integrantes do grupo restam suas características, que em primeira instância podem ser determinantes desse engajamento em questões ambientais. É na confluência desses aspectos que a preocupação com os problemas socioambientais e a pré-disposição em agir para combatê-los toma rumos distintos.

Nesse capítulo se discute o conceito de juventude e o recente histórico de integração da juventude nos movimentos socioambientais. Problematiza-se ainda, as motivações que jovens atuantes de coletivos socioambientais têm para continuar nos grupos. É preciso, no entanto, posicionar esse jovem na sociedade, compreender esse segmento chamado juventude que se distingue de outros segmentos sociais.

A juventude vem gradativamente se estabelecendo como um grupo expressivo capaz de exercer pressões sociais, principalmente em razão da sua dimensão numérica (ZITKOSKI, HAMMES, 2014). Segundo os autores essa pressão social tem sido exercida pelas diferentes formas de atuação e mobilização social em torno das problemáticas de suas cidades, regiões e países, mostrando que os jovens de hoje realmente se preocupam com a sociedade. Os jovens têm buscado essa participação cidadã nas mais diferentes áreas de interesse, e com destaque nas últimas décadas a área ambiental, mas em espaços menos burocratizados e mais criativos, como os novos movimentos sociais, projetos sociais, ONGs, dentre outros (MAIA, 2013).

A juventude historicamente esteve envolvida em diversas questões públicas que permitiram uma revitalização da sociedade. E isso fez com que a própria sociedade desse ao jovem o papel de trazer mudanças e transformações sociais (PEIXOTO, 2011). E de fato esse papel foi assumido por muitos jovens ao longo do tempo, como no período pós ditadura, onde os movimentos estudantis foram percussores de um protagonismo juvenil em busca de novos meios de participação cidadã (ALBUQUERQUE, 2013).

A importância da juventude no contexto moderno se consolida no fato de que ela não aceita a ordem social estabelecida (PEIXOTO, 2011), e usa de diferentes mecanismos para atuar e interferir socialmente. Um dos ganhos da modernidade é a internet que tem servido como um facilitador para a participação da juventude em assuntos de ordem pública (ibid, 2011). Mesmo porque, apesar desses avanços, muitos jovens são impelidos a se incluírem socialmente por meio do consumo (FERNANDEZ et al., 2014).

Há entre os jovens um desejo quase que natural de buscar um envolvimento com movimentos sociais uma vez que isto é parte da socialização, mas o tipo de projetos e coletivos se diferenciam a partir desse reconhecimento (PERONDI, 2013). As diversas formas de participação dos jovens na vida em sociedade, portanto não se restringem na definição da política como disputa de poder ou partidária (*ibid*, 2013). Isso porque, a atuação política da juventude questiona os modelos vigentes e se amplia em cada grupo, incluindo, portanto, as questões ambientais. A participação social juvenil, segundo Perondi (2013), se trata de uma ação coletiva em que os jovens se envolvem visando a melhoria das condições de vida, de seu próprio grupo, da sua comunidade ou da sociedade em geral. Na perspectiva ambiental, essa atuação social pode se configurar como a construção do comportamento pró-ambiental, para si e para os outros.

1. Juventude e os movimentos ambientais

A participação de jovens num processo participativo sobre questões do meio ambiente teve um marco importante no Brasil com ações do Ministério do Meio Ambiente (MMA), em parceria com o Ministério da Educação (MEC), quando em 2002 estimulou o programa de Conferências do Meio Ambiente nas Escolas, que culminou com a I Conferência Nacional Infanto-Juvenil pelo Meio Ambiente em 2003 (MEC/MMA, 2003). A partir desse movimento muitas conferências nacionais aconteceram, mas o legado para as cidades foi a abertura para que os jovens, identificados pelo interesse socioambiental e pelo comportamento pró-ambiental manifestado, pudessem se mobilizar para formar coletivos e ampliar suas ações e projetos de sustentabilidade. Na região Metropolitana de Manaus-AM, surgiram alguns grupos que se destacaram nestas atividades, e são esses jovens atuantes que esta pesquisa procurou incluir.

A atual geração juvenil vive em um tempo em que cresce a atenção de organismos internacionais para as questões de juventude (GONÇALVES, 2010). Não somente os jovens, mas as crianças também passam a ser consideradas pessoas importantes na sociedade. Isso pode ser observado, por exemplo, com a criação da Unicef (Fundo da Nações Unidas para a infância) no âmbito da ONU que tem um trabalho voltado para as crianças e adolescentes. (UNICEF, 2015).

A partir dessa iniciativa os adolescentes e os jovens passaram a ser considerados como pessoas importantes na construção e execução de muitos planos e projetos. Na área ambiental há uma iniciativa marcante, que inclusive é estimuladora de muitos dos projetos que envolvem a juventude com as questões ambientais. Trata-se da rede Tunza, rede de juventude e de meio ambiente do Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente - PNUMA. Criada em 2003, a rede Tunza é uma das estratégias do Conselho de Administração do PNUMA para fomentar a participação dos jovens em atividades ambientais, assim como no trabalho do PNUMA (PNUMA, 2015).

A rede Tunza tem membros jovens representando todos os continentes e realiza encontros internacionais entre eles. Além disso, incentiva a participação jovem em eventos ambientais de âmbito internacional, como a Rio +20, que trouxe em seu documento final algumas resoluções que ressaltaram a importância da juventude nas questões ambientais (SILVA, 2015; ONU, 2012). Esses mecanismos políticos internacionais incentivam em alguns países a incorporação da juventude como sujeitos importantes para as políticas ambientais.

Neste mesmo período, em 2003, surge no Brasil as articulações para a criação do Programa de Juventude e Meio Ambiente. Uma iniciativa conjunta entre o Ministério do Meio Ambiente e do Ministério da Educação, que foi iniciada oficialmente durante a 1ª Conferência Infanto-Juvenil pelo Meio Ambiente (GONÇALVES, 2010; SILVA, 2015), que por muito tempo teve como foco a criação e fomento dos Coletivos Jovens de Meio Ambiente.

Durante o decorrer da história essa política pública sofreu modificações e os próprios jovens envolvidos nesse processo passaram a considerar outras possibilidades de atuação e intervenção para além da educação ambiental nas escolas. Esse conjunto de políticas passou a incentivar a criação de grupos de jovens ambientalistas em organizações somente de jovens (PEIXOTO, 2011), que incorporaram além da pauta ambiental, o respeito às juventudes como uma de suas pautas de reivindicação.

No Brasil, principalmente antes e durante a realização do Rio +20, muitos eventos firmaram o reconhecimento dos jovens como protagonistas importantes para o enfrentamento da crise ambiental. Como a articulação do Enlace das Juventudes, em 2012; o manifesto dos jovens durante o VI Fórum Brasileiro de Educação Ambiental, em 2009 e a II Jornada Internacional do Tratado de Educação Ambiental, em 2012 (SILVA, 2015).

O reconhecimento dos jovens como sujeitos de direitos ganha força em 2005 com a criação da Secretaria Nacional de Juventude (SNJ). A SNJ passa a articular programas e políticas públicas voltadas aos jovens em diferentes áreas, como na profissionalização, combate ao extermínio da juventude negra, acesso à saúde dentre outros. Conjuntamente com as organizações e movimentos sociais juvenis, o Conselho Nacional de Juventude - CONJUVE, esteve à frente das articulações para a criação do Estatuto da Juventude, instituído em 2013 pela lei N^o. 12.852/13, e que reconheceu que os jovens brasileiros teriam direito à sustentabilidade e a um meio ambiente ecologicamente equilibrado. Outro indicativo de que a juventude passou a ser tema de interesse no quadro das políticas públicas é a inserção da linha de juventude e meio ambiente como temática de apoio no edital para projetos de extensão universitária do Ministério da Educação (BRASIL, 2015).

Considerar os jovens como sujeitos de direitos e deveres diante da discussão da responsabilidade socioambiental na construção de sociedades sustentáveis é estar de acordo com o próprio objetivo do Desenvolvimento Sustentável veiculado pelo relatório Brundtland (SILVA, 2015). Além disso, a temática ambiental muito interessa os jovens que querem contribuir para a construção de um mundo melhor.

Nesse contexto, o protagonismo juvenil é uma expressão e ação diferenciada dos jovens na sociedade. O protagonismo juvenil reflete essa necessidade dos jovens como mobilizadores sociais e se traduz em um novo olhar do adulto sobre o jovem de forma a desenvolver um relacionamento precursor de engajamento e mobilização social (ALBUQUERQUE, 2013). Albuquerque, em seu trabalho com dois coletivos de jovens que atuavam com a temática ambiental, constatou que o compromisso descrito por esses jovens com a sua atuação socioambiental, envolvia um sentimento de pertença ao grupo, uma preocupação com a coletividade e uma busca de conhecimento para ser compartilhado com os demais (ALBUQUERQUE, 2013). Essas motivações mostram que o jovem busca diversas maneiras de atuar no mundo de forma responsável e estes necessitam desse reconhecimento pela sociedade.

2.Método e Técnicas

Esse estudo de base qualitativa, descritiva-exploratória foi desenvolvido a partir de extratos de uma entrevista semiestruturada. As entrevistas foram realizadas individualmente em locais e horários agendados com o participante com duração média de 20 minutos. Foram entrevistados jovens participantes de quatro grupos distintos de atuação na área socioambiental na região metropolitana de Manaus-AM. O estudo foi devidamente aprovado pelos critérios éticos².

As entrevistas foram analisadas segundo a Análise de Conteúdo, seguindo as etapas dessa análise: pré-análise; exploração do material e tratamento dos resultados; a inferência e a interpretação. Na pré-análise fez-se a leitura geral do material de transcrição das entrevistas para questão ou conjunto de questões. Com a identificação do conteúdo latente das respostas foi possível separar as falas em categorias de acordo com as suas diferenças ou semelhanças. Essa categorização passou pela avaliação de duas pessoas que atuaram como juízes para verificar se as categorias haviam sido descritas adequadamente ao conteúdo que elas abrangiam. Os resultados apresentam as categorias que emergiram a partir da análise orientada pelos objetivos da pesquisa.

Os coletivos foram identificados a partir de um levantamento inicial numa etapa da Conferência de Juventude e Meio Ambiente em Manaus, ocorrida em 2015, além de indicações dos demais entrevistados de coletivos dentro do perfil da pesquisa, conformando uma amostra *snowball*. Após contato com os coletivos e respectiva anuência para a realização da pesquisa, os integrantes indicaram de três a cinco membros para participar das entrevistas.

Um dos coletivos foi de Iranduba-AM, chamado aqui de *G1*. O segundo grupo foi o de voluntários de uma ONG internacional, o grupo *G2*. O terceiro grupo foi o *G3*, que lida com a conservação de quelônios, formado por jovens universitários voluntários em Manaus-AM. O quarto grupo o *G4* envolve jovens de uma organização em rede em Manaus-AM. Além destes, três jovens que atuavam em coletivos inativos a cerca de um ano, o *G5* movimento socioambiental de Novo Airão e o *G6* movimento socioambiental de Manaus-AM. Os participantes foram selecionados pelo critério de acessibilidade, com participação no grupo há pelo menos 6 meses.

²Avaliado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal do Amazonas, sob CAAE: 56650316.2.0000.5020

3. Resultados e discussão

Foram entrevistados 19 jovens, sendo 8 mulheres e 11 homens, com idades de 16 a 29 anos, residentes na região metropolitana de Manaus-AM, sendo 15 de Manaus-AM, 3 de Iranduba-AM e 1 de Novo Airão-AM. Entre os participantes, 5 tem Ensino superior completo, 12 estão cursando e 2 planejam cursar. Apenas um deles, o participante mais velho, interrompeu a faculdade de Engenharia Ambiental para dedicar-se ao trabalho também na área. A maioria desses jovens dedica-se a buscar aperfeiçoamento e formação profissional na área em que atuam voluntariamente (ambiental). Apenas dois jovens, os mais jovens desse grupo de entrevistados, são os que almejam atuar em profissões de áreas distintas da ambiental. Os demais ou já atuam ou pretendem exercer suas atividades em funções que envolvam a temática ambiental, mesmo aqueles que queiram atuar com comunicação, educação, publicidade ou direito. Somente um jovem não exerce algum tipo de ocupação formal, sendo o estudo e/ou trabalho além das atividades voluntárias.

Seis (6) participantes moram sozinhos ou com o cônjuge, os demais jovens (13) moram com pais e irmãos. A saída de casa tem relação tanto com a necessidade de continuar os estudos em outros locais quanto pela independência financeira já conquistada. Quatro dos seis jovens que não moram mais com as famílias já trabalham, os outros dois fazem estágios remunerados. Dos treze jovens que ainda moram com a família, seis já trabalham. Mas quase todos (12) ainda estudam, inclusive na pós-graduação.

Esses jovens se diferenciam da maior parte dos jovens brasileiros nessa questão, pois segundo Silva et al., (2015) ao analisarem o perfil dos jovens trabalhadores brasileiros a partir dos dados da PNAD de 2006 e de 2013, verificaram que os jovens de 18 a 24 (maioria dos jovens aqui pesquisados) trabalham em média 36,51 horas semanais e possuem em média 9,8 anos de estudo. O que significa que em 2013, a maior parte dos jovens trabalhadores não tinha se formado no ensino médio (equivalente a 12 anos de estudo). Ainda sobre a formação, apesar do acesso ao ensino superior ter aumentado no país, os índices ainda são baixos, segundo Corbucci(2016), no Censo de 2010 apenas 18,7% dos jovens de 18 a 24 anos haviam tido esse acesso. Os jovens aqui entrevistados fazem parte dessa população que tem o acesso ao ensino superior, seja nas instituições públicas ou particulares de ensino.

Considerando a renda familiar e a renda per capita, os jovens participantes deste estudo podem ser considerados de classe média (ABEP, 2015), pois 17 participantes

declararam ter uma renda domiciliar per capita de R\$667,00 a R\$2000,00. Dois afirmaram possuir renda familiar per capita acima de R\$3000,00, sendo, portanto, de classe média alta. O que permite a esses jovens terem acesso a recursos relevantes para o lazer, informação, formação profissional e cultura.

A religiosidade desses jovens é diversa, porém cinco (5) deles disseram não ter religião. Os demais se dizem cristãos católicos (8), cristãos evangélicos (3) e espíritas (3). Pouco mais da metade dos participantes (10) disseram já ter participado de outros coletivos como grupos de jovens de igrejas ou outros movimentos como o movimento Punk, contra a corrupção, movimento estudantil (centros acadêmicos), ONGs, projetos acadêmicos na área ambiental e projetos sociais. E alguns deles ainda participam de outros coletivos como os já citados e até outras organizações na área ambiental. Isso mostra que o engajamento cívico observado nesses jovens é expressivo.

O contexto da participação efetiva dos jovens nas atividades socioambientais muda muito, inclusive dentro do próprio grupo. Alguns exercem claramente uma distinção de liderança formal por meio de um cargo, outros não têm essa distinção tão clara. A maioria dos participantes atua de modo voluntário, mas há alguns que de alguma forma, seja por meio de contrato de trabalho ou por projeto de iniciação científica, após um tempo de voluntariado passaram a ser remunerados pelo trabalho desenvolvido.

As principais motivações para atuação grupal em questões socioambientais foram investigadas para verificar se características individuais, coletivas ou contextuais seriam responsáveis pela participação grupal. Essas motivações são divididas para o ingresso no grupo e para a permanência no grupo. Além disso, foram investigados os significados atribuídos a essa participação no grupo para suas vidas.

3.1 A entrada no grupo socioambiental

Apesar de já possuírem vários aspectos pessoais e experiências que os aproximaram das questões ambientais as ações pró-ambientais só ganharam força com a entrada do jovem no grupo. Essa entrada foi mediada por um convite de amigo ou colega ou a partir de uma iniciativa individual do jovem em encontrar um grupo para se integrar. Constatou-se que a motivação central que impulsionou o engajamento inicial dos jovens no grupo foi de três tipos:(a) a atuação nas questões ambientais (52,6%); (b) o desejo de se socializar com outros

jovens (31,6%); e (c) as experiências que o grupo poderia proporcionar para seu desenvolvimento pessoal (15,8%).

Questões Ambientais

Para as pessoas interessadas nas questões ambientais (10 – 52,6%), o mais importante era se aproximar de atividades que envolvesse uma atuação com foco nos problemas relacionados ao meio ambiente e busca de soluções. Esses jovens dizem que o interesse ambiental já existia e que existia um desejo implícito de participar de um grupo ambiental, dessa forma, ao tomar conhecimento de determinado grupo as oportunidades permitiram sua entrada e atuação efetiva na sociedade.

“[...] eu me identificava bastante com a causa[ambiental] apesar de não ter o conhecimento necessário, então eu vi um instrumento para que eu pudesse aprender um pouco mais.” (F,24)

“Eu tenho essa questão ambiental, meio ambiente, desde que eu sou criança por influência da minha mãe [...] Então eu procurei as reuniões, procurei saber como é que funcionava [...]” (F,21)

Essa motivação é do tipo intrínseca ao comportamento pró-ambiental (HERNANDEZ et al., 2009). Onde vê-se que os jovens já tinham uma identificação com as causas socioambientais e procuraram grupos onde pudessem realizar atividades para proteção ambiental. A causa ambiental tem um grande potencial de identificação pelos jovens e é uma oportunidade para o engajamento social e político deles. Esse interesse pelas questões ambientais é destaque nos jovens, pois se apresenta como um problema concreto na atualidade e traz a valorização de uma dimensão ético-moral que não está presente em outras esferas políticas (CARVALHO, 2007).

Socialização com outros jovens

Para outros membros (6 - 31,6%), participar de um grupo socioambiental não era necessariamente um interesse específico. Participar nesses coletivos foi uma oportunidade casuística para seis dos jovens, que viram ser uma chance de se envolver com outros jovens, de ter e pertencer a um coletivo.

“[...] Por mais que fosse ambiental, social, qualquer coisa, mas eu queria me engajar em alguma coisa entendeu [...]” (M,23)

“Inicialmente foi a curiosidade e eu acho também que a vontade de me sentir parte de um grupo na época, foi o meu grupo de amigos que começou a participar [...]” (M,23)

Verifica-se que boa parte das motivações iniciais desses jovens não contemplava uma relação estreita com o objetivo do grupo em si, uma vez que este seria um meio para alargar suas relações sociais. Contrário do que se anuncia no senso comum, mesmo sem participar de grupos sociais tradicionais como os partidos políticos e os movimentos estudantis, os jovens atuais não deixaram de se interessar pela atuação social. A maior parte deles está em busca de participar ou já participa de coletivos menos burocratizados e mais criativos (MAIA, 2013; ALMEIDA, 2009; ZITKOSKI, HAMMES, 2014).

Desenvolvimento pessoal

Para 3 (15,8%) jovens a motivação para a sua participação no grupo que se afiliaram, representava uma oportunidade de aprender e de ter experiências importantes para a vida social e profissional.

“Eu não sabia o que era inicialmente mas depois ela foi me falando e que a gente poderia viajar e conhecer mais as populações de quelônios.” (F, 22)

“[...]os alunos novos entram na faculdade, ainda mais os que mexem com bicho, essas coisas assim, querem logo campo né, querem ter uma interação logo e alguém me informou sobre esse projeto e trabalhava com extensão[...].” (M., 21)

Para esses jovens a motivação individual é destoante da atividade socioambiental dos coletivos. O interesse em aprender e em ter experiências se apresenta como algo mais individualista. Mesmo assim, é esse interesse que os move na busca da participação socioambiental, apesar da motivação fundamentada em um possível benefício ao indivíduo (STEG; VLEK, 2009). Esse fato nos mostra a necessidade de inserção social dos jovens em coletivos dinâmicos, e nessa perspectiva as atividades ambientais são um bom espaço para essa participação (CARVALHO, 2007). A busca por aprendizagem é também uma busca pela melhoria da sua capacidade de participação e atuação na sociedade (SILVA, 2010).

Apesar destas singularidades, constata-se que o que motiva a entrada dos jovens num coletivo, de maneira geral, é a busca deles por um espaço de participação e interação com outros pares. Nesse sentido, os coletivos ambientais ganham evidência como um importante espaço para que os jovens possam desenvolver essa necessidade participativa, da mesma forma que as questões ambientais ganham evidência nas agendas de jovens que não a consideravam antes desse coletivo permitir tal introdução. Diante de tais resultados, infere-se

que a motivação pode ser polissêmica, mas a efetivação da participação é benéfica para o jovem e para a sociedade. O interesse inicial em se inserir num grupo abre caminhos para novas aprendizagens e ao mesmo tempo em que atende os anseios juvenis de maior inserção social. Com essa necessidade atendida, os jovens têm a oportunidade de desenvolverem-se socialmente e se engajarem nas questões socioambientais.

3.2 Motivação para permanecer no grupo

As motivações dos jovens para permanecer atuando no grupo se diferenciam das motivações que basearam a entrada deles no mesmo. Ao ingressarem no grupo algo os impulsiona a se manterem como membros participantes. Para a maioria (68,4%) dos jovens o fato de poder transformar algo é o motivo; para outros (15,8%), poder inspirar outras pessoas é uma das razões e, os demais 15,8% dos jovens atribuem sua continuidade ao fato de poder aprender. A mudança de motivações entre as duas fases do jovem no grupo não é linear. Não significa que os que se motivavam de um jeito (a) ao entrar no grupo, se motivem da mesma maneira (a) depois de um tempo de participação no grupo. Por exemplo, 50% dos que entraram no grupo com interesse em questões direcionadas ao meio ambiente, atualmente se motivam a permanecer no grupo por poder transformar a realidade (26,3% do total); 80% dos que entraram no grupo interessados em participar de algum grupo ou organização permanecem atuando em razão de poder transformar a realidade (21% do total); e, 67% dos que entraram no grupo interessados em experiências permanecem nele motivados pela possibilidade de aprender coisas novas (10,5% do total).

Constata-se, assim, que as motivações iniciais e atuais são distintas entre os jovens. Essas mudanças se modificam por várias razões, ora de acordo com a convivência desse jovem com os outros integrantes do grupo, ora devido ao crescimento da sua responsabilidade com o grupo, ou ainda pela participação contínua nas atividades grupais. Uma pesquisa mais aprofundada nesse aspecto poderia nos dar dados mais definitivos sobre esse processo interno que ocorre entre os jovens e sua permanência no grupo a partir de sua motivação inicial. No entanto, os jovens ponderam com precisão sua motivação em permanecer como membro ativo do grupo e tais argumentos podem ser verificados nas categorias que emergiram a partir desse fato.

Poder transformar a realidade ambiental

Poder transformar é uma motivação referente à possibilidade do jovem de ser e sentir-se importante para a transformação da realidade e da solução de problemas socioambientais. Essa motivação esteve presente em 13 jovens (68,4%).

“[...] eu vejo assim essa questão do protagonismo juvenil, da participação no controle social né, da intervenção política do grupo assim bem forte e eu tenho certeza que isso vem contribuindo pra melhorar essas questões ambientais dentro do município. [...]” (M, 23)

“[...]saber que a gente tá contribuindo pra uma sociedade bem melhor preocupada com o meio ambiente, porque a gente sente a carência e falta de árvores na cidade né.” (M,25)

O que se verifica aqui já é a presença da motivação intrínseca ao comportamento pró-ambiental (HERNANDEZ et al., 2009). O fortalecimento desse tipo de motivação pode se dar pelo aumento no tempo de atuação com o grupo. Que pode ter feito com que eles fortalecessem os seus laços com as causas socioambientais de um modo mais significativo para eles. Ter ações realizadas durante esse tempo no grupo fortalece também o protagonismo e o sentimento de estar contribuindo com a sociedade. Pois a participação do jovem se materializa a partir daquilo que ele faz, a participação dele precisa ser vista (SILVA, 2010). Aqui está presente também o empoderamento, a capacidade que ele desenvolveu em contribuir para o bem coletivo (SILVEIRA, 2006).

Poder inspirar outros jovens

Poder inspirar é a motivação que move alguns dos jovens (3 – 15,8%) por fazer com que eles se sintam importantes como jovens diferenciados da maioria por estarem preocupados e envolvidos com questões socioambientais. E por eles sentirem-se como uma inspiração para outros jovens. Além disso, as relações de amizade dentro do grupo também os motivam a continuar a atuar coletivamente.

“Ser o diferencial, porque eu ainda vou fazer 18 anos e são pouquíssimas pessoas que tem a minha idade e que gostam de trabalhar com meio ambiente, entendeu. [...]” (F,17)

“[...] o que me fazia ficar realmente era o grupo, manter aquelas relações de amizade e tal, fazer as ações concretas, as pessoas né.” (M,19)

Nesse grupo observa-se a presença da necessidade do reconhecimento social e a importância da identidade de grupo. Aqui já aparecem motivações extrínsecas ao comportamento (HERNANDEZ et al., 2009), e o papel da identidade de grupo na atuação

comunitária das pessoas. As pessoas com senso de comunidade ou identidade de grupo são as que mais realizam atividades comunitárias (REES; BAMBERG, 2014).

Poder aprender sobre meio ambiente

Poder aprender é uma motivação atrelada ao estímulo do aprendizado contínuo que alimenta o ideal de outros jovens. Entre os jovens, 3 (15,8%) deles afirmam que permanecem no grupo, pois esse os possibilita aprendizado e experiências transformadoras na sua vida pessoal e profissional. Sendo essas experiências importantes para o seu amadurecimento.

“Porque o projeto [...] te abre novas áreas, ele te conecta a pessoas que você talvez não se conectaria na faculdade, como pessoas do IBAMA, pessoas do Ipaam, então você tem meio que esse vínculo a partir do projeto [...]” (F,22)

“[...] eu continuo ajudando porque quando a gente começa a viver, a vivenciar como é o dia a dia daquelas comunidades, a gente observa como é a atuação do projeto lá, [...] e é muito legal isso porque eu aprendi muito durante todas as minhas viagens, eu aprendi muito com essas pessoas.” (M,25)

A partir desses argumentos percebe-se que as motivações são mais individualizadas. Mais extrínsecas ao comportamento pró-ambiental, pois atuação no grupo socioambiental é feita em busca de experiências profissionais e de vida, não necessariamente pela causa em si (HERNANDEZ et al., 2009). Estão presentes as necessidades básicas dos jovens, que se sobrepõem ao seu engajamento social em alguns momentos, como a busca pelo emprego futuro, pois é uma necessidade presente na maior parte dos jovens (CARRANO, 2011). A aprendizagem com as experiências vividas no grupo pode aumentar o seu potencial de participação social (SILVA, 2010).

Uma vez membro do grupo, as motivações em permanecer nele retratam a importância que tal coletivo apresenta na vida desses jovens em lhes permitir: aprendizado, experiências significativas, reconhecimento e inserção social. Tais aspectos lhes possibilitam distinção entre outros jovens por lidarem com as questões ambientais. Esse espaço de cidadania e reconhecimento faz as relações de amizade com os outros membros do grupo se fortalecerem.

3.3 Significados de participar do grupo

Participar de um grupo possibilita ao jovem experiências e aprendizados significativos, tanto para o seu engajamento social quanto para o seu desenvolvimento

peçoal. Dentre os jovens entrevistados, os significados de participar de um grupo socioambiental são bem semelhantes. Tais significados remetem principalmente ao empoderamento pessoal conquistado na participação no grupo. Os jovens sentem que são importantes para a sociedade e que se desenvolveram com o grupo. Essa participação proporcionou um aumento de possibilidades do exercício de seu protagonismo, do seu desejo de se posicionar na sociedade em que vislumbravam participar de forma mais dinâmica. Isso pode ser verificado nas falas abaixo:

“A instituição meio que me deu assim um poder de influenciar mais pessoas, ou seja, eu aqui conversando, ao longo desses três anos, indo pra rua, viajando, eu vi que eu já mudei a cabeça de bastante gente entendeu.” (M,)

“Aí me dá a sensação de poder ajudar, me empodera a ajudar as pessoas a pelo menos terem consciência.” (F, 29)

“Eu acho que pra mim foi uma mudança de vida, porque eu aprendi a canalizar as minhas ideias, aprendi a falar melhor em público, tive que tomar outras atitudes, tipo de liderança.” (M)

Esses resultados corroboram com outros estudos que mostraram que a participação desses jovens nos coletivos lhes possibilita um engajamento capaz de fazer transformações na sociedade (ALBUQUERQUE, 2013). Precisa-se dizer, no entanto, que essa transformação tem uma motivação de caráter individual, intrínseco ao comportamento (HERNANDEZ et al., 2009). Mesmo tendo uma natureza individual essa motivação é orientada para os outros. Ao realizá-los, os jovens sentem que de alguma maneira estão contribuindo para um ideal de transformar o mundo num lugar melhor, sentindo-se capacitados para poder interferir nessa mudança (SILVEIRA, 2006). A participação em ações ambientais engloba desde a consciência dos jovens sobre o seu ambiente local e global, até uma visão política em relação ao ambiente (SANTOS, 2008). Essa participação transforma os jovens fazendo com que eles se tornem mais críticos e autocríticos (PEIXOTO, 2011). Nesse processo de engajamento coletivo, o sentimento de ser uma pessoa melhor, passa a estar associado com o aumento de consciência das problemáticas socioambientais e do papel dos jovens diante destes cenários.

A participação nos movimentos e coletivos socioambientais permite ao jovem participar da esfera pública, tendo o apoio de seus pares e se tornando mais forte e visíveis. O que atende as suas necessidades de inserção, participação e de visibilidade sendo tanto para um espaço de afirmação do jovem quanto para um importante rito de passagem para a vida adulta (CARVALHO, 2007). O interesse pelas causas ambientais é construído a partir de experiências vividas e exercido nas atividades individuais e grupais de cuidado ambiental.

Embora o comportamento pró-ambiental sofra influências contextuais que podem facilitar ou dificultar a sua realização (MOGHIMEHFAR; HALPENNY, 2016; PRADHANANGA, 2015), o que se percebe com esses jovens é a predisposição que os impulsiona, por meio do grupo a enfrentar boa parte desses acontecimentos que possam engessá-los socialmente.

Considerações Finais

A participação dos jovens nos coletivos socioambientais tem diferentes motivações. No início, ao adentrar no grupo, prevalece a curiosidade, o interesse em participar de algo, ser parte de um grupo de jovens, aprender coisas novas e ter experiências interessantes. Mesmo com mudanças nos estilos de participação social, os jovens ainda buscam espaços para exercer a sua cidadania e o seu protagonismo. Os coletivos socioambientais são novos espaços sociais que interessam aos jovens.

Com um aumento no tempo de participação no grupo as motivações e significados dessa experiência mudaram. O que prevalece nos jovens entrevistados são os sentimentos de conquista de empoderamento. A participação social deles aumentou, a preocupação deles com o entorno e com as questões socioambientais se tornou mais clara e complexa. Além disso, eles sentem que podem intervir na sociedade para transformá-la para melhor. Então, pode-se dizer que o fato de participar dos coletivos faz com que os jovens se sintam responsabilizados pelas questões socioambientais e à sua maneira, possam intervir para solucionar tais problemáticas.

Com base nesse estudo, percebe-se a importância de políticas públicas que incentivem a formação desses coletivos como porta de entrada para um protagonismo atuante e revelador de transformações na relação pessoa-ambiente. Sem esse apoio político de formação de coletivos, certamente muitos jovens se esquivam de uma maior participação social. Da mesma forma, o fortalecimento desses coletivos para uma atuação crítica e capaz de se posicionar diante dos problemas sociais, certamente contribuirão para uma sociedade mais justa e um maior equilíbrio ecológico com proteção a todas as formas de vida no planeta.

CAPITULO 3

ATUAÇÃO SOCIOAMBIENTAL EM GRUPO

Introdução

O movimento ambientalista tem recebido grande adesão de jovens, de tal forma que temática ambiental é um campo promissor para o engajamento político dos jovens (PEIXOTO, 2011). Birolli (2011) afirma que a quantidade de grupos juvenis organizados atualmente cresceu substancialmente e nada indica que esses movimentos estejam refluindo. Há inclusive na atualidade coletivos de ambientalistas juvenis, deslocados dos movimentos tradicionais e maiores. Este se caracteriza como um espaço de politização, justificado pela atração dos jovens pelas causas planetárias e valorização ética e moral sustentada pelo movimento (GONÇALVES, 2010). Os coletivos ambientalistas juvenis tem uma característica especial, ao mesmo tempo que seus membros fortalecem sua identidade de jovem, também fortalecem a sua identidade ambiental (GONÇALVES, 2010).

Ao atuar em grupo, o jovem contribui com as suas experiências e aprendizados e também se modifica junto com o grupo. Nesse sentido, Carvalho (2005) afirma que o jovem engajado no grupo, se forma com esse grupo, mesmo que tenha trazido idiosincrasias que passa a compartilhar com outros membros. As narrativas se constroem a partir das relações, cujo dinamismo do processo sócio histórico se encarregou de reproduzir e transformar.

Na atuação em grupo os aspectos pessoais dos membros somam-se a fatores contextuais que possibilitam ou impedem que as ações intencionadas sejam realizadas. Nos coletivos socioambientais esses aspectos atingem tanto as ações do próprio indivíduo quanto dos demais membros engajados coletivamente, o que pode interferir até no funcionamento dos coletivos. Nesse capítulo, discute-se a atuação em grupo e os fatores contextuais que são considerados pelos jovens como importantes para a formação do grupo em si e para a manifestação de ações pró-ambientais.

Os fatores estruturais que contribuem para a realização do comportamento pró-ambiental se modificam de acordo com cada realidade específica, podendo tornar alguns comportamentos mais fáceis e outros mais difíceis de serem realizados (LARSON et al., 2015). Kollmus e Agyeman (2002), ao fazerem uma revisão de literatura sobre as barreiras do

comportamento pró-ambientais, encontraram em diferentes autores a indicação de fatores contextuais atrelados ao comportamento pró-ambiental, como: restrições econômicas, tradições culturais, costumes da família, pressões sociais, oportunidades de mudar, regras e estruturas institucionais. Na perspectiva da psicologia, Gifford e Nilsson (2014) elencam alguns fatores sociais que podem predizer a realização dos comportamentos pró-ambientais, são eles: religião, diferenças urbanas e rurais, normas, classe social, proximidade com problemáticas ambientais e culturais e as variações étnicas.

É de consenso na literatura que os aspectos contextuais contribuem para a efetivação do comportamento pró-ambiental, assim como os aspectos pessoais (DONO et al., 2009; KOLLMUS, AGYEMAN, 2002; CÔRTEZ et al., 2016; MOGHIMEHFAR, HALPENNY, 2016). Identificar tais fatores permite que se compreenda quais as interferências do contexto no desempenho da atuação pró-ambiental e do engajamento ambiental.

O impacto da ação ambiental é um item importante para a continuidade das ações desenvolvidas no grupo e dar um impulso em comportamentos pró-ambientais. O retorno positivo dos resultados das ações ambientais desenvolvidas, principalmente junto aos demais grupos sociais que compartilham, incentivam os jovens a continuar atuando pró-ambientalmente (LARSON et al., 2015).

1. Atuação em coletivos socioambientais

Para atuar em grupos ou coletivos em qualquer sociedade os jovens trazem uma história que se inicia na motivação pessoal. Essa motivação em muitos casos tem naturezas diferenciadas e movem o jovem a agir nos coletivos. A motivação humana, segundo Moscovici (2003) é complexa, infinita e flutuante, cuja proposição de definições concretas acerca do que seja a motivação também seja um tanto difusa. Considera-se aqui, a proposta clássica de Maslow (s/d) que classifica as motivações em dois tipos: de deficiência e de crescimento.

As motivações de deficiência estão relacionadas com as necessidades, aquilo que falta à pessoa. Sendo essa falta um estímulo para a busca da satisfação da necessidade (MASLOW, s/d;). Para o autor, as necessidades estariam sempre movendo as pessoas a agir. Para as necessidades básicas, o estudo de Maslow propõe cinco categorias: as necessidades

fisiológicas, as necessidades de segurança, necessidades afetivo-sociais, necessidades de estima e necessidade de auto atualização.

Não há uma ordem rígida, as pessoas podem ter necessidades mais elaboradas mesmo sem ter suprido necessidades mais básicas (MOSCOVICI, 2003). De todo modo, a proposição de Maslow segue uma espécie de hierarquia de tal forma que há sempre novas necessidades a serem supridas, as pessoas estão sempre em busca de mais. Dentro da categorização de Maslow há outro tipo de motivação, a *motivação de crescimento* que é mais positiva, não surge de uma necessidade, de uma falta, mas pelo desejo humano de crescimento. Segundo o autor, só pode ser desenvolvida a partir da satisfação razoável das necessidades básicas. De todo modo, é uma motivação que movimenta o indivíduo rumo ao crescimento e à melhoria de suas habilidades, competências e outras funções.

Aspectos relacionados à geração, manutenção ou mudança do comportamento pró-ambiental são influenciados por construtos de natureza motivacional. O comportamento pode mudar entre as motivações fundamentadas em interesses antropocêntricos ou ecocêntricos (HERNANDEZ et al., 2009). Os interesses antropocêntricos têm como base as crenças na superioridade humana diante da natureza, já os interesses ecocêntricos são baseados em crenças onde a natureza tem valor em si mesma (ROSA et al., 2015). A motivação tem um papel importante no desenvolvimento do comportamento, as pessoas motivadas tendem a perceber menos as limitações para o desempenho de suas atividades (MOGHIMEHFAR; HALPENNY, 2016).

Bamberg e Moser (2007) concluíram que o comportamento pró-ambiental pode ser considerado a consequência da combinação do interesse pessoal e da influência das motivações sociais. A motivação é específica para cada tipo de problema ou comportamento específico (HERNANDEZ et al., 2009). As motivações são diversas, que vão desde um modo de evitar uma possível punição ou sanção, até o interesse em fazer algo genuinamente bom para alguém ou algo importante para a sua comunidade.

Hernandez et al. (2009), diferenciam as motivações para o comportamento pró-ambiental em dois tipos: as motivações intrínsecas e as motivações extrínsecas. A *motivação intrínseca* segundo eles é aquela própria do próprio comportamento, onde a pessoa se sente bem em realizar algo para a sua comunidade. Já a *motivação extrínseca* refere-se à obtenção de algum tipo de reforço ou reconhecimento social, como o sucesso econômico ou uma boa imagem e popularidade ao realizar alguma ação pró-ambiental (HERNANDEZ et al., 2009).

Para os jovens participantes desse estudo vários tipos de motivações se encontram na origem da mobilização e participação em coletivos que discutem e atuam em prol do meio ambiente. Com base no pressuposto teórico apresentado, esse estudo busca contribuir com a investigação dessas motivações, a partir de jovens inseridos em coletivos socioambientais na Amazônia.

A participação nos coletivos socioambientais além de possibilitar a inserção dos jovens em atividades sociais, lhes possibilita aprendizado e mudanças de atitude. Inclusive, desenvolvendo um comportamento pró-ambiental, seja na dimensão doméstica, político-social ou no trabalho. Os coletivos são espaços importantes para o desenvolvimento social dos jovens, pois é nesse espaço que o jovem pode praticar a sua autonomia de pensamento e de ação. O que nem sempre dá para ser feito em outras instituições como na família, onde o poder maior é dos adultos (CARRANO, 2006). As interações sociais entre os membros do grupo contribuem para as mudanças no comportamento e atitude dos jovens. Isso foi observado por Dresneret al., (2015) em um grupo de voluntários engajados na causa ambiental. Onde a identidade social de grupo e o cumprimento das normas internas do grupo tinham um importante papel no comportamento pró-ambiental dos jovens voluntários, o que contribuiu para um aumento do engajamento cívico de forma geral.

1.1 Características dos Grupos

Os grupos socioambientais cujos jovens entrevistados estão engajados possuem características gerais semelhantes, isto é, atuam em causas ambientais. No entanto, a forma de atuação e o foco são distintos. Um dos grupos foi Iranduba-AM (cidade pertencente à área metropolitana de Manaus), chamado aqui de *G1* possui foco em atividades de educação ambiental em escolas. O segundo grupo foi o de voluntários de uma ONG internacional, o grupo *G2* com foco em campanhas de proteção das florestas e combate à mudança climática. O terceiro grupo foi o *G3*, que lida com a conservação de quelônios, formado por jovens universitários voluntários em Manaus-AM. O quarto grupo o *G4* envolve jovens de uma organização em rede em Manaus-AM que atua em mobilizações e formações sobre as políticas de clima principalmente. Além destes, participaram da pesquisa três ex-integrantes de grupos que hoje estão inativos, são eles o *G5* um ex-movimento socioambiental de Novo Airão-AM e o *G6* um ex-movimento socioambiental de Manaus-AM.

Verifica-se nesses grupos que o formato organizativo deles é diferente dependendo da natureza da organização, se um projeto, uma ONG ou um movimento. Alguns grupos são formados exclusivamente por jovens como é o caso do *G4* e do *G1*, mas há aqueles em que há integrantes adultos e jovens trabalhando conjuntamente, como o caso do *G3* e do *G2*. Embora nesses dois últimos os jovens sejam maioria dentre os participantes.

Em comum é possível observar certa flexibilidade e maior participação nas estruturas hierárquicas internas. Uma característica comum da própria organização dos movimentos ambientais que já considera algumas mudanças de paradigmas sociais. As organizações socioambientais tendem a associar-se em redes de agrupamentos autônomos, segmentados e policéfalos e em estruturas não hierárquicas, descentralizadas e participativas (LEFF, 2006). Reafirmando um modo de funcionamento contrário às estruturas sociais engessadas e pouco humanizadas.

Tem formas diferenciadas de se inserirem nas pautas políticas atuais. Suas formas “apolíticas” de fazer política são uma nova maneira de estabelecer estratégias de luta no campo da ecologia política (LEFF, 2006). Mais uma vez destoando do modo tradicional de atuar socialmente como coletivo. Orientados pela busca de uma democracia ambiental que estabelece um estreito vínculo entre as condições de sustentabilidade ecológica, pluralidade política, diversidade étnica e equidade social (ibid, 2006), os movimentos ambientais conseguem também ser plurais. Envolvendo-se em causas associadas que lutem pelo respeito à vida e à diversidade.

Apesar das diferenças organizativas e ideológicas, os grupos possuem uma característica de formação interna cujos membros em atuação desenvolvem formações contínuas para os seus próprios membros. Além disso, eles também desenvolvem atividades de educação ambiental para o público externo. Essa característica tem sido uma marca que o ecologismo mantém como uma perspectiva educacional, que ajuda a formar os jovens para a atuação na área ambiental (PEIXOTO, 2011). Essa atuação socioambiental ajuda no fortalecimento da criticidade desses jovens, que ao se engajarem socialmente, passam cada vez mais a defender as diferentes formas de vida. Por sua vez os coletivos passam a ganhar mais força quando reconhecem que a questão ambiental é uma questão intergeracional (SILVA, 2015).

2. Métodos e Técnicas

Esse estudo de base qualitativa, descritiva-exploratória foi desenvolvido a partir de extratos de uma entrevista semiestruturada. As entrevistas foram realizadas individualmente com 19 jovens, em locais e horários agendados com o participante com duração média de 20 minutos. Foram entrevistados jovens participantes de seis coletivos distintos de atuação na área socioambiental na região metropolitana de Manaus-AM. O estudo foi devidamente aprovado pelos critérios éticos³.

As entrevistas foram analisadas segundo a Análise de Conteúdo, seguindo as etapas dessa análise: pré-análise; exploração do material e tratamento dos resultados; a inferência e a interpretação. Na pré-análise fez a leitura geral do material de transcrição das entrevistas para questão ou conjunto de questões. Com a identificação do conteúdo latente das respostas foi possível separar as falas em categorias de acordo com as suas diferenças ou semelhanças. Essa categorização passou pela avaliação de duas pessoas que atuaram como juízes para verificar se as categorias haviam sido descritas adequadamente ao conteúdo que elas abrangiam. Os resultados apresentam as categorias que emergiram a partir da análise orientada pelos objetivos da pesquisa.

Os coletivos foram identificados a partir de um levantamento inicial numa etapa da Conferência de Juventude e Meio Ambiente em Manaus, ocorrida em 2015, além de indicações dos demais entrevistados de coletivos dentro do perfil da pesquisa, conformando uma amostra *snowball*. Após contato com os coletivos e respectiva anuência para a realização da pesquisa, os integrantes indicaram de três a cinco membros para participar das entrevistas.

3. Resultados e Discussão

Foram entrevistados 19 jovens, sendo 8 mulheres e 11 homens, com idades de 16 a 29 anos, participantes de quatro coletivos distintos de atuação na área socioambiental. Os participantes vivem na região metropolitana de Manaus-AM, nas cidades de Manaus-AM (15), Iranduba-AM (3) e Novo Airão- AM (1).

A escolaridade dos jovens variou de ensino superior completo (5), ensino superior em andamento (12), e preparando-se para iniciar o ensino superior (2). Apenas um deles, o

³Avaliado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal do Amazonas, sob CAAE: 56650316.2.0000.5020

participante mais velho, interrompeu a faculdade de Engenharia Ambiental para dedicar-se ao trabalho também na área. A maioria desses jovens dedica-se a buscar aperfeiçoamento e formação profissional na área em que atuam voluntariamente (ambiental). Apenas dois jovens, os mais jovens desse grupo de entrevistados, são os que almejam atuar em profissões de áreas distintas da ambiental. Os demais ou já atuam ou pretendem exercer suas atividades em funções que envolvam a temática ambiental, mesmo aqueles que queiram atuar com comunicação, educação, publicidade ou direito. Somente um jovem não exerce algum tipo de ocupação formal, sendo o estudo e/ou trabalho além das atividades voluntárias.

Seis (6) participantes moram sozinhos ou com o cônjuge, os demais jovens (13) moram com a família. A saída de casa tem relação tanto com a necessidade de continuar os estudos em outros locais quanto pela independência financeira já conquistada. Pois, quatro dos seis jovens que não moram mais com as famílias já trabalham, os outros dois fazem estágios remunerados. Dos treze jovens que ainda moram com a família, seis já trabalham. Quase todos (12) ainda estudam, inclusive na pós-graduação.

Esses jovens se diferenciam da maior parte dos jovens brasileiros nessa questão, pois segundo Silva et al., (2015) ao analisarem o perfil dos jovens trabalhadores brasileiros a partir dos dados da PNAD de 2006 e de 2013, verificaram que os jovens de 18 a 24 (maioria dos jovens aqui pesquisados) trabalham em média 36,51 horas semanais e possuem em média 9,8 anos de estudo. O que significa que em 2013, a maior parte dos jovens trabalhadores não tinha se formado no ensino médio (equivalente a 12 anos de estudo). Ainda sobre a formação, apesar do acesso ao ensino superior ter aumentado no país, os índices ainda são baixos, segundo Corbucci (2016), no Censo de 2010 apenas 18,7% dos jovens de 18 a 24 anos haviam tido esse acesso. Os jovens aqui entrevistados fazem parte dessa população que tem o acesso ao ensino superior, seja nas instituições públicas ou particulares de ensino.

Considerando a renda familiar e a renda per capita, os jovens participantes podem ser considerados de classe média (ABEP, 2015), pois 17 participantes declararam ter uma renda domiciliar per capita de R\$667,00 a R\$2.000,00. Dois afirmaram possuir renda familiar per capita acima de R\$3.000,00, sendo, portanto, de classe média alta, o que permite a esses jovens ter acesso a recursos relevantes para o lazer, informação, formação profissional e cultura.

A religiosidade desses jovens é diversa, porém cinco (5) deles disseram não ter religião. Os demais se dizem cristãos católicos (8), cristãos evangélicos (3) e espíritas (3). Pouco mais da metade dos participantes (10) disse já ter participado de outros coletivos como

grupos de jovens de igrejas ou outros movimentos como o movimento Punk, contra a corrupção, movimento estudantil (centros acadêmicos), ONGs, projetos acadêmicos na área ambiental e projetos sociais. Alguns deles ainda participam de outros coletivos como os já citados e até outras organizações na área ambiental. Isso mostra que o engajamento cívico observado nesses jovens é expressivo.

3.1 Importância do grupo em ações pró-ambientais

O fato de pertencer a um grupo em particular, permite aos jovens aprender coisas diferentes, encontrar apoio entre os colegas e fortalecer as ações em nível individual. Os jovens foram questionados sobre o que eles perderiam na sua prática se não tivessem o grupo. Nas respostas verificou-se a importância que o grupo tinha para a participação pró-ambiental do jovem. A importância dada ao grupo para esses jovens foi agrupada em três categorias: Como uma Participação qualificada (57,9%), participação indiferente (21%) e participação efetiva (21%).

Participação qualificada

Para a maioria (11 – 58%) dos jovens, o grupo lhe proporcionou um conhecimento de metodologias, estratégias, e o desenvolvimento de habilidades que auxiliam na ação. Permitiu também a mudança de pensamento para uma postura mais crítica. Fortalecendo então o agir do jovem diante dos problemas socioambientais. Esse ponto de vista pode ser observado nas falas:

“Então aqui eles investem muito em capacitação, e eu acho que eu não conseguiria ter desenvolvido sem ter entrado aqui.” (F, 24)

“Talvez, mas eu acho que muita coisa não, assim tipo aprender a me comunicar, aprender a dar palestras, a participar de reuniões, isso tudo eu fiz aqui, e eu não tenho muito o dom de falar em público e tudo mais e o projeto me deu essa oportunidade, mesmo que eu não querendo mas eu fiz.” (F, 24)

O grupo possibilita aos jovens amadurecimento e aprendizado, tanto de conhecimento ambiental quanto de habilidades necessárias ao engajamento socioambiental. Isso faz com que a participação do jovem no grupo contribua para o aperfeiçoamento de suas próprias ações pró-ambientais. O grupo, portanto, passa a ser muito importante para o engajamento

socioambiental juvenil (CARVALHO, 2007, DRESNER et al., 2015; DONO et al., 2010; ROBERTSIN, BARLING, 2013).

Participação indiferente

Entre os jovens, 21% (4) reconhece que a participação no grupo atual não é tão indispensável em sua vida, pois consideram que eles agiriam em outro grupo ou mesmo sozinhos se não participassem do grupo que participam atualmente. Isso pode ser observado nas falas:

*“Porque eu acho que se eu não tivesse o * eu ia arranjar uma outra coisa pra fazer, tipo eu não consigo ficar parada vendo as coisas e aí eu ia correr atrás de alguma forma.” (F, 29)*

“Porque não existe só esse projeto, existem outros projetos, eu ia abrir outros lugares, eu ia procurar.” (F, 22)

Observa-se que a participação num grupo específico não é determinante para a ação pró-ambiental destes jovens. Os jovens buscariam atuar de outra maneira em outros espaços, o que mostra a alto nível de interesse e a grande motivação individual deles em atuar pró-ambientalmente. Nesse caso, o jovem enxerga uma forte contribuição dos aspectos mais pessoais do que os sociais ou contextuais nestes casos (KOLLMUS, AGYEMAN, 2002; GIFFORD, NILSSON, 2014).

Participação efetiva

Outros jovens expressam a convicção que o grupo foi fundamental em sua história de engajamento social. Para 21% (4) dos jovens o grupo fortaleceu a vontade individual da pessoa de atitudes pró-ambientais. Além disso, o grupo possibilitou que o jovem fizesse ações que provavelmente não faria sozinho.

*“Se não tivesse o * eu estaria hoje revoltado com muitas coisas que esta acontecendo mas eu tava fazendo acho que nada pra isso.” (M, 16)*

*“Porque eu tive a base pra fazer essas coisas dentro do * com uma galera que já tinha alguma coisa né, teve uma iniciativa e tudo mais. E eu acho difícil eu ter essa iniciativa assim de trabalhar com meio ambiente.” (F, 17)*

Observa-se que para esses jovens, a contribuição da identidade social de grupo, agir coletivamente permite um ganho de força nas ações que eram apenas individuais. O apoio do grupo, a estrutura e a partilha de informações e experiências com os outros integrantes do grupo incentiva os jovens a agir pró-ambientalmente (DONO et al., 2010; DRESNER et al., 2015, ROBERTSIN; BARLING, 2013).

O grupo garante aos jovens um maior poder de intervenção na realidade. Estar numa organização lhes garante maior segurança e estrutura para a realização das ações. Além disso, a própria experiência no grupo faz com que eles desenvolvam novas habilidades que fortalecem o seu engajamento socioambiental.

3.2 Modos de ação pró-ambiental

Ao avaliarem o próprio comportamento pró-ambiental os jovens expuseram dois tipos de perfis diferenciados. Há aqueles que agem somente quando estão sob os auspícios do grupo (10,5%) e aqueles que desempenham ações pró-ambientais de forma autônoma ou independentemente do grupo em suas experiências no cotidiano (89,5%).

Ação Subordinada

Os jovens que desempenham a maior parte das suas ações pró-ambientais somente com o grupo são apenas dois (10,5%) dentre os entrevistados. Quando o grupo tem uma queda nas suas atividades o jovem também para de realizar as ações pró-ambientais.

*“porque o * deu uma parada então eu acabei dando uma parada, uma relaxada.” (F, 17)*

*“As ações eu tenho deixado a desejar bastante, porque eu tava trabalhando só aqui no *, aí eu me dei conta de eu podia fazer além daqui né, além do projeto, que eu podia fazer ações pra além do *.” (M, 25)*

Esses jovens que agem apenas com o grupo provavelmente encontram algumas barreiras para exercer ações pró-ambientais no cotidiano. Embora eles tenham um interesse e o conhecimento ambiental, nem sempre é possível agir de maneira pró-ambiental. Esses impedimentos, segundo Gifford e Nilsson (2014) podem ser desde barreiras pessoais até barreiras do contexto.

Ação autônoma

A grande maioria (17 - 89,5%) dos jovens desempenha ações pró-ambientais de maneira corriqueira, já incorporada no seu fazer cotidiano, mesmo considerando as dificuldades encontradas. Observa-se uma intencionalidade de agir pró-ambientalmente, de tal forma que o sentimento de frustração ocorre quando não conseguem fazer da forma considerada “sustentável”.

“Então eu poderia tá fazendo mais, assim como eu peço pras outras pessoas fazerem, eu poderia tá fazendo mais né. A questão do lixo também dentro de casa, que eu só faço a divisão do seco pro orgânico, mas eu poderia né fazer maiores divisões do lixo. Então, eu não gosto quando as pessoas

falam muito e não fazem, então assim como eu não me sinto confortável com as outras pessoas, eu não me sinto confortável comigo, em falar e não fazer.”(F, 21)

“Porque eu sou muito crítica comigo mesma e sei que tem muita coisa pra mudar ainda, entende. Eu sei que eu me esforço mas é difícil, por exemplo separar lixo, eu tenho muito essa visão de implantar na minha faculdade, de implantar na minha casa, mas eu sei que é tudo destinado pro mesmo lugar, então ainda não é possível [...].” (F, 18)

A ação autônoma predomina nesses jovens protagonistas. Observa-se que há um padrão de comportamento que se fortalece numa ética solidária e cooperativa, valores que dizem ter fortalecido ou construídos pela história de engajamento no grupo socioambiental. O ideal sustentável parece não se manifestar como tronco de conflito ao não poder vislumbrar uma perfeita ordem sustentável devido as dificuldades comuns a todas as pessoas. Dificuldades financeiras, falta de vontade, impedimentos institucionais, falta de poder, prioridades outras, falta de conhecimentos sobre o tema em questão, são fatores coadjuvantes para a manifestação efetiva de um desejado comportamento pró-ambiental entre estes jovens. Tais resultados corroboram outros estudos sobre dificuldades individuais e contextuais (MOGHIMEHFAR, HALPENNY, 2016; GIFFORD, NILSSON, 2014).

É necessário pontuar, no entanto, que mesmo que a maior parte dos jovens manifestem ações pró-ambientais de forma autônoma, essas não podem ser creditadas de forma exclusivamente como resultado da participação no grupo. Se o grupo não pode ser considerado determinante exclusivo, este certamente favorece e permite ao jovem ser coerente com os demais aspectos que compõem sua identidade socioambiental. A característica predominante é que aspectos pessoais e aspectos do grupo se coadunam para esse status psicossocial, que por sua vez se manifesta em ações de proteção e cuidado socioambiental. Apesar de nem sempre conseguirem realizar todas as ações que desejam, esses jovens estão sempre buscando melhorar o seu comportamento pró-ambiental.

3.3 Necessidades para boa atuação no grupo

Toda atividade coletiva demanda ajustes entre as formas de atuação individual e de outros membros. As regras são estabelecidas em acordo ou pela maioria, as quais requerem um esforço de cada membro para que o coletivo possa deslanchar em busca das metas desejadas. Uma boa dose de alteridade é necessária nesses ajustes, os quais se apresentam de formas diversas dependendo do que se acorda ou se quer, individualmente e coletivamente. Nesse cenário o jovem se dá conta que ao se engajar no grupo, ele ou ela deverá articular seus

desejos com os demais membros e ajustá-los para o bem comum. Requer, pois, do jovem novas vivências e experiências que farão uma diferença no seu amadurecimento social. O jovem, no entanto, já começa a perceber esse jogo que envolve aspectos do próprio membro, dos demais membros, da interação desses fatores e o suporte de outros fatores externos.

Para os jovens entrevistados, agir em grupo requer certas condições que preconizam uma boa trajetória nas metas estabelecidas no grupo e na convivência diária. De acordo com esses jovens há pelo menos três aspectos que facilitam essa participação num grupo socioambiental: a) ter vocação para essa atividade ambiental (42,1%); b) ser capaz de estabelecer laços de amizade (31,6%); e c) ter um aparato estrutural de identidade e visibilidade do grupo(26,3%).

A Vocação

Para 6 jovens (31,6%), uma pessoa que quer participar de um grupo pró-ambiental primeiramente precisa ter vocação para isso, se interessar e se preocupar com as questões ambientais. Vocação significa para esses jovens ter desde a infância, uma vontade dentro de si de mudar a realidade onde vive e buscar informações e meios para exercer essa vontade. Carvalho (2005), afirma que a questão ambiental por si só é agenciadora de inúmeros significados que aproxima pessoas com identidades direcionadas a esse campo de ação. Para esses jovens, a iniciativa para a participação num grupo socioambiental, portanto surge direta e fortemente do próprio indivíduo que procura o grupo por se identificar com a causa.

“Então, a maioria dos jovens que eu conheço que entram pra um grupo ambiental eles já tiveram a cabeça formada desde cedo. Do tipo, que acha errado, entendeu, que reclama com qualquer coisa. Se jogou um lixo na rua fica puto entendeu, se acontecer algo com um animal fica puto.” (M, 19)

*“E eu vejo assim muita questão de vocação também, por exemplo, se a gente for olhar hoje o * a maioria das pessoas que tã no grupo elas se sentem vocacionadas a trabalhar com essa temática, é um grupo de pessoas que sentem interesse pelas questões ambientais e acabam tendo o grupo como uma atividade, como um mecanismo de poder exercer o seu protagonismo e essa vontade de fazer as coisas.” (M, 23)*

A vocação se mostra, de acordo com esses jovens, como aspecto preconizador das facilidades de desenvolvimento do grupo. Apesar de esse jovem expressar como uma condição inata que se possui desde sempre, vários estudos comprovam que o interesse socioambiental não surge no jovem aleatoriamente ou como condição dada. Ao contrário, é uma construção ocorrida ao longo de um processo por toda a vida modo a se constituir como um feixe estruturante na trajetória ambiental. De todo modo, na infância, o interesse surge estimulado pelos pais e por outros membros da família, por experiências diretas da

pessoa com o ambiente e pelo incentivo dos colegas ou professores (KOLMUSS, AGYEMAN, 2002; VESELINOVSKA et al., 2010).

Os laços de amizade

Afetividade e empatia são aspectos necessários em qualquer relação de grupo, uma vez que são elas que proporcionam certa harmonia para a convivência e consensos em direção do alcance dos objetivos estabelecidos. O papel da afetividade em qualquer ambiente, seja presencial ou virtual, serve como condição vital para elaboração de planos de ação conjunta e envolvimento em coletivos (CRUNIVEL; CONCEIÇÃO, 2014). Para 42,1% (8) dos jovens entrevistados, o que facilita a participação no grupo são as relações afetivas que possibilitam arranjos interpessoais positivos na vida internado grupo. O fato dos jovens do grupo terem relações de amizade conforma-se um espaço de acolhimento aos recém-chegados e abre horizontes para a formação e envolvimento ativo de todos os membros antigos e recentes.

“Acho que o jovem se entende mais com o jovem, eu acho que é uma proximidade, vamos dizer assim, uma proximidade tácita, tu não escolhe aquilo, mas o jovem se dá melhor com o jovem, eu acho que é isso que mantém o grupo assim mais coeso né.” (M, 19)

“Eu acho que quando eu consigo falar diretamente com uma pessoa da minha idade eu acho que fica mais fácil de convencer ela a entrar pro grupo, a trabalhar, a conhecer, fica mais fácil trazer ela pro grupo, dessa maneira.” (F, 17)

A identidade social de grupo é um grande incentivador do engajamento cívico e socioambiental. O apoio e a proximidade com outros membros do grupo fortalecem o sentimento de pertença e a integração para o cumprimento de objetivos comuns. O que contribui diretamente para a continuidade das ações coletivas do grupo (DRESNER et al, 2015; DONO et al., 2010; ROBERTSIN, BARLING, 2013).

No campo ambiental, segundo Carvalho (2005) o sujeito ambiental desenvolve uma identidade própria, onde há a apropriação de uma crítica à crise socioambiental e os desejos de construir uma sociedade emancipada e socialmente sustentável. Mas essa identidade, só é construída a partir da relação da pessoa com o grupo, de um convívio com outros integrantes do campo. Os coletivos são, portanto, um espaço para a construção dessa identidade ambiental que se fortalece a partir da identidade social de grupo.

Ter infraestrutura

Existem elementos que afetam o desenvolvimento do grupo que não reside necessariamente nas características subjetivas dos seus membros. Fischer (1994) discute a importância dos arranjos físicos na consolidação de objetivos organizacionais e sociais. Se as características pessoais dos membros atuam como amalgamador das relações de existência do grupo, a estrutura física ou virtual que dá visibilidade ao grupo, confere acessórios estimuladores da concretização da vida grupal. O desempenho dos membros e boa parte do sucesso da empreitada programada pelo grupo requer um lugar, um espaço que permita essa organização fluir, seja um espaço para aproximação dos membros ou para demonstração de suas atividades.

Para 5 jovens (26,3%), o que facilita a participação dos jovens em coletivos é a existência de uma infraestrutura para o trabalho socioambiental. Seja uma estrutura física ou uma estrutura virtual (sites, redes sociais, ferramentas de web). Esses aparatos são importantes para realizar aquilo que foi proposto. Essas ferramentas atuam como organizadores físicos e sociais que retroalimentam o status do grupo. O jovem mostra que um grupo não sobrevive apenas com suas condições sociais e de subjetivação, mas que necessitam de um entorno físico e apoio financeiro que os assegure nas ações que pretendem dar andamento.

*“O * te oferece toda uma infraestrutura também, física, pra que tu possa realizar o teu trabalho. E eu acho que é isso basicamente, informação também facilita bastante.” (M, 29)*

“Tipo incentivo financeiro, a gente tem o incentivo pessoal, a vontade própria, mas a gente precisa de recursos financeiros pra fazer, eu acho que o essencial quando de se trata de um trabalho de pequeno ou grande porte, como é o nosso caso. A gente precisa de recursos financeiros pra gente conseguir dar os nossos passos e caminhar. Recurso financeiro e mão de obra né, recurso humano.” (M, 25)

As condições práticas para a realização das ações pró-ambientais são tão importantes quanto a vontade de fazer e as motivações. Ter estrutura nos coletivos ambientais garante a ampliação da abrangência de atuação e a continuidade das ações. Essa presença ou ausência de estrutura pode, portanto, motivar ou não o jovem a continuar atuando no grupo (MOGHIMEHFAR, HALPENNY, 2016).

Os fatores elencados pelos jovens como favoráveis à atuação socioambiental num grupo foram baseados nas suas próprias experiências. De uma maneira geral, os fatores que auxiliam essa atuação estão associados à pessoa e ao contexto do grupo. Como o jovem ter um interesse prévio pelas causas ambientais e ter um grupo onde haja infraestrutura para o desenvolvimento das ações e boas relações entre os integrantes do grupo.

3.4 Entraves para boa atuação no grupo

Assim como existem necessidades que facilitam a atuação em grupo há também alguns fatores que tornam esse tipo de trabalho mais difícil. Seja impedindo que o grupo realize um número maior de ações ou dificultando o próprio funcionamento do grupo. Para superá-las, os jovens encontram diversas maneiras, mas há algumas que estão longe do seu poder de alcance com as quais eles têm que conviver.

As dificuldades foram separadas em três categorias: participação (52,6%), apoio (31,6%) e política (15,6%). Muitas falas estão relacionadas com as facilidades, pois os jovens ao analisarem esses dois aspectos fizeram comparações de acordo com as suas experiências no grupo.

Falta de assiduidade

A presença é fundamental para a consolidação de relações sociais. Essa presença requer tempo, compromisso e interesse assíduo. Nos coletivos, esse é um fator muito importante, pois como a maioria é voluntária, os grupos contam apenas com o interesse do jovem e seu compromisso em contribuir com o grupo. Embora nem sempre os voluntários tenham como manter a sua contribuição de trabalho com o grupo. Nessa categoria, com falas de 10 jovens (52,6%), os fatores que mais dificultam a atuação num grupo socioambiental são ligadas às pessoas. Por um lado, pela falta de interesse nas questões socioambientais, e por outro, com os jovens que já tem essa vontade de colaborar com um grupo está a falta de disponibilidade. Para esses jovens, as tarefas do cotidiano impedem que os jovens se engajem, pois lhes falta tempo.

“Eu acho que é os compromissos que você tem extra trabalho voluntário mesmo. As vezes escola, ou então trabalho, faculdade.” (M, 29)

“O interesse mesmo, hoje os jovens estão interessados em coisas mais fúteis, coisas bem mais fúteis do que defender um árvore. O que que é uma árvore pra ele? A galera quer ter é um carro, quer ter um condomínio, não quer ter uma árvore.” (M, 19)

As dificuldades em relação à assiduidade, se localizam num nível mais individual, mas que afetam o funcionamento do grupo. Essa dificuldade é comum entre os coletivos pesquisados pois os jovens possuem outras atividades importantes para se dedicarem também. Embora, haja a contribuição de fatores mais práticos para essa dificuldade como a falta de tempo e de recursos financeiros que acabam impedindo-os de atuarem pro-ambientalmente com mais frequência (KOLLMUS, AGYEMAN, 2002; IGLESIAS et al., 2014). Entretanto, na renovação dos membros e na integração de novas pessoas ao grupo o que os jovens mais sentem dificuldade é de encontrar pessoas que tenham interesse na área ambiental.

Falta de recursos financeiros

Em qualquer empreendimento ou realização de atividade um indivíduo terá que contar com outros para um maior alcance da ação proposta. É consensual que nada se realiza sem que haja uma conjunção de fatores, sejam eles de ordem subjetiva ou concreta. O ideal projetado muitas vezes se depara com a dificuldade de conseguir apoio financeiro. Para 6 jovens (31,6%), esta é uma das maiores dificuldades, mesmo que tais ações sejam de baixo investimento.

“Eu acho que o meio financeiro, porque muitos projetos tem o valor muito pequeno de dinheiro pra ser usado e isso diminui o número de pessoas que eles podem acolher, que eles podem levar, que eles podem ensinar.” (F, 22)

“Pelo fato da gente ser jovem e não ter recursos assim, viajar é muito difícil, eu acho que o suporte, tanto de lá pra cá pra vir fazer um curso de formação, ou daqui pra lá de Manaus pra Novo Airão, é mais traquejoso, mais difícil, eu acho que é isso, o principal é a logística.” (M, 19)

A maior parte dos coletivos que esses jovens estão engajados não possui fontes de fomento regulares e também não se caracteriza como organização lucrativa. As realizações do grupo são geridas pela dependência de recursos institucionais ou de doações arregimentadas por ações do próprio grupo. A falta de recursos é vista como uma dificuldade, pois afeta a estrutura do grupo de modo geral, a participação de seus membros e a efetivação das metas pró-ambientais dos estabelecidas pelo grupo (DONO et al., 2010).

Falta de Política Ambiental

As questões ambientais necessariamente envolvem uma discussão e envolvimento político (LEFF, 2006). Principalmente por envolverem ações que atingem muitas pessoas com interesse e necessidades diferenciadas. A intenção dos coletivos socioambientais é de proteger o ambiente, mas nem sempre essa vontade depende apenas dos grupos para se tornar real. Os coletivos relatam então que a política ambiental também é um desafio para as ações dos coletivos.

Para 3 jovens (15,8%), as dificuldades de participação no grupo estão ligadas à política. À participação do grupo na esfera de discussões políticas das questões socioambientais e a falta de avanço dessas políticas ao longo do tempo.

“A parte mais política do grupo porque a parte de ação é a que geralmente as pessoas participam né, mas aquela parte mais política, aquela parte que às vezes a gente tem que mexer com leis, essas coisas, é a parte que as pessoas gostam menos, elas não se motivam tanto. Porque é um processo mais chato,

às vezes nem todo mundo consegue entender, nem todo mundo acaba gostando, aí a parte mais prática é geralmente a que é mais legal e a que o jovem prefere.” (F, 17)

“Eu vou dar um exemplo muita gente que participa de grupo ambiental às vezes quer que as coisas aconteçam, tipo eu quero mudar tal coisa e quero que aconteça, aí sabe que não depende só da gente, tem as leis e tal, e a mudança no estado e a mudança no município. [...]” (F, 29).

As questões socioambientais afetam e são afetados pela política ambiental. Nesse sentido os movimentos ambientais encontraram combustível para questionar a democracia representativa e que desse maior visibilidade e legitimidade na governança ambiental. Muitas vezes porque o processo de regulação das leis de proteção ambiental é lento e outras vezes pelos retrocessos que esporadicamente ocorrem nestas leis. Esse movimento retrocedente e excludente faz com que os movimentos ambientais tenham algum tipo de participação política (LEFF, 2006).

Nas dificuldades os jovens elencam alguns aspectos do contexto onde eles possuem pouco ou nenhum controle. A falta de apoio financeiro impede a garantia de certas estruturas necessárias ao trabalho dos coletivos, assim como as dificuldades de disponibilidade e compromisso dos membros, acabam, em conjunto, dificultando a realização das ações coletivas. Essas dificuldades fazem com que algumas ações sejam muito difíceis de serem realizadas. Mesmo assim, os jovens dizem ter motivação para criar meios financeiros bem como buscar recursos externos para realizar as ações socioambientais planejadas.

3.50 papel da família na participação no grupo

A participação no grupo pode ser considerada como um agregado de fatores, porém o papel da família no estímulo e apoio são reveladores para jovens protagonistas socioambientais. A família tem papel importante para a participação dos jovens nos coletivos socioambientais. Em certos casos, essas pessoas motivam o jovem a participar de tais coletivos. Em alguns outros contextos, o jovem é um agente mobilizador para as transformações socioambientais dentro da família e do círculo de amigos.

Ao considerar as famílias na relação com a participação do jovem nos coletivos socioambientais, os jovens indicaram três tipos diferentes de família que podem ter um papel distinto em sua maior ou menor participação no grupo socioambiental: a família envolvida (36,8%), a família influenciada (31,6%) a família desinteressada (15,8%) (três pessoas não responderam essa questão).

Família envolvida

Para 36,8% (7) dos jovens sua família se enquadra como uma família envolvida. É uma família onde há um ou mais membros que se interessam e/ou atuam em questões ambientais, que incentivam e apoiam a participação do jovem em tais coletivos. Como exemplo tem-se:

“A minha mãe também se interessa bastante, as minhas irmãs, apesar de não trabalharem com um serviço voluntário voltado pra área, mas também são bem interessadas.”(F, 24)

“Na minha família tem o meu pai, o meu pai é um ponto de referência bem forte em relação ao meio ambiente, ele é professor, professor de biologia e ele desenvolve projetos na escola, assim relacionados ao meio ambiente, ele tem aquela preocupação, ele fala sobre isso, ele defende isso [...]” (F, 21)

O apoio da família para o interesse ambiental é mais importante durante a infância dos jovens, pois é o momento da construção de valores e é quando a família tem um poder maior na socialização da criança. Então os pais, mães, avós e tios podem incentivar o interesse ambiental numa geração. Ter uma família interessada nas causas ambientais faz com que os jovens tenham mais apoio para participar das atividades do grupo socioambiental (WINDHORST; WILLIAMS, 2015; VESELINOVSKA et al., 2010).

Família Influenciada

Para 31,6% (6) dos jovens sua família é um canal de atuação. É a família onde o jovem passa a influenciar os demais membros a serem mais pró-ambientais. Uma família que anteriormente não tinha interesse com as questões socioambientais. Isso está exposto nas falas a seguir:

“[...] a minha irmã eu tô incentivando devargazinho né, ela tem 12 anos, o meu pai que volta e meia eu dou um puxão de orelha nele porque ela acaba fazendo algumas atitudes que não são muito legais.” (M, 21)

“[...] Mas eles não são tão interessados não, mas pelo menos assim quando eu falo, falo, falo eles começam a adotar algumas práticas, a gente tá querendo fazer uma horta suspensa, coisas assim entendeu.” (F, 29)

Desde a infância os filhos podem gerar mudanças no comportamento dos pais e de toda a família, considerando o caráter ativo e dinâmico presente em cada pessoa nos mais distintos momentos da vida. É notório como a criança ou o adolescente traz para o espaço familiar os aprendizados vivenciados na escola, principalmente em assuntos que demandam

inovação e novidade intergeracional. A questão ambiental é um desses assuntos que se destaca pela contemporaneidade que abarca, e que requerem uma mudança de comportamento já consolidados e que a criança ou jovem está mais capacitado para interagir. No entanto, nem todas as famílias têm um canal de aceitação de diálogo que não seja de cima-para-baixo, o poder de ação das crianças e adolescentes fica mais evidente em famílias onde a comunicação é mais interativa do que autoritária (GRONHOJ; THOGERSEN, 2012).

Verifica-se, por um lado, que a maior parte dos jovens tem membros da família que se interessam pelo menos um pouco pelas questões ambientais. Por outro lado, há famílias cujos membros estão totalmente desinteressados pela causa ambiental, de tal forma que isso se converte numa frustração que pode afetar sua participação no grupo, principalmente por não conseguir aplicar em casa os seus conhecimentos e habilidades de conservação ambiental. É no grupo que esse poder de enfrentamento se torna combustível para atuar com seus familiares e traz ao jovem a sensação de mudança de mundo, podendo sentir que se aproxima do ideal compartilhado com seus pares no grupo.

Pelo poder que a família possui para as crianças e jovens, o interesse na questão ambiental reflete de forma contundente na sua atuação pró-ambiental. Assim, as famílias com algum tipo de interesse ambiental tendem a desenvolverem ações pró-ambientais, enquanto que aquelas que não se identificam com a causa ambiental, tornam-se um obstáculo ou uma motivação para a transformação. Em alguns casos a frustração toma conta, pois o jovem aprende coisas novas no grupo socioambiental, mas não tem nestas famílias um suporte para as ações pró-ambientais no nível doméstico. São também famílias que não contribuem diretamente para o interesse e as ações pró-ambientais do jovem (GRONHOJ, THOGERSEN, 2012). Já a família que tem ações pró-ambientais é um incentivo a mais para o jovem exercer o seu engajamento nessa área, pois nessa família o jovem encontra pouca resistência ao propor mudanças nas ações cotidianas e tem uma base de apoio para compartilhar suas ideias e experiências pró-ambientais (WINDHORST; WILLIAMS, 2015; VESELINOVSKA et al., 2010).

Família desinteressada

Uma pequena parcela dos jovens (3 - 15,8%) lamenta ter uma família desinteressada. Nessa categoria estão as famílias onde ninguém se interessa ou se preocupa com as questões socioambientais apesar do incentivo do jovem. Isso também faz com que os jovens tenham dificuldades de implementar modificações para o cuidado ambiental no seu ambiente

doméstico (no caso da maioria que ainda mora com a família). Isso pode ser visto nas falas a seguir:

“Não, ninguém, ninguém mesmo, e é uma questão muito difícil de conviver com isso, de não ter nenhum esclarecimento sobre isso, [...] é algo super normal pra eles fazer aquilo e até você conseguir desconstruir isso e construir novamente é muito difícil.” (F, 18)

“Não tem interesse, eles tem uma preocupação. Eles querem saber o que que eu tô fazendo aqui, pra onde que eu vou, se tem risco de alguma coisa, de eu ser preso quando participo de ações [...]. Mas tipo eles não tem nenhum interesse ambiental assim.” (M, 23)

Apesar de a família ser um importante locus de socialização, na adolescência os jovens passam a ser mais autônomos. Nessa fase eles são capazes de tomar responsabilidades para si e agir do modo que acreditam ser correto, independentemente da opinião dos pais. Isso se deve principalmente porque os filhos passam a ter experiências diferenciadas em outros grupos sociais (GRONHOJ, THOGERSEN, 2012).

Constata-se que, como no interesse, as ações pró-ambientais que um jovem desperta ou mantém, muito se deve à família. A postura da família em se identificando com a causa ambiental muito favorece a identificações dos jovens. Tem, portanto que a grande maioria dos jovens que atua em coletivos socioambientais traz essa característica de identidade ambiental na família. Esse estudo corrobora com outros no sentido de que a família é determinante para um maior engajamento socioambiental. O apoio da família contribui diretamente para o fortalecimento do interesse do jovem pelas causas ambientais. Assim como, a abertura dos familiares em aprender com jovem aquilo que ele sabe sobre cuidado ambiental também os incentiva a continuar as atividades no grupo.

Considerações Finais

Os jovens encontram nos coletivos socioambientais a possibilidade de atuar no enfrentamento dos problemas ambientais que os cercam e os preocupam. Essa atuação é influenciada não só pela intenção em agir, mas também por aspectos contextuais que podem facilitar ou dificultar a realização das ações. Em se tratando de coletivos, esses fatores estão atrelados ao relacionamento dos membros, a inserção de novos integrantes, na relação do grupo com acontecimentos e processos políticos, na disponibilidade de estrutura e de recursos financeiros e na forma como a família se integra nessa trajetória.

Mesmo reconhecendo as dificuldades, que muitas vezes estão fora do poder de intervenção dos coletivos, os jovens reconhecem aspectos que facilitam essa atuação grupal. Um destaque importante está na relação entre os membros, na identidade social de grupo, de pertença e de amizade. Que colabora com a integração entre os membros na realização das atividades do grupo.

Numa avaliação sobre a importância e a prioridade das ações ambientais os jovens consideram importante o impacto do resultado da ação ambiental desenvolvida no coletivo e a proximidade e identificação do jovem com tal ação. Ações que gerem bons resultados e tenham maior efetividade são estimuladas e largamente valorizadas pelos jovens. Dessa forma, o jovem protagonista socioambientalmente é aquele indivíduo que tem habilidades e competências para fazê-las. São essas predisposições que esses jovens entendem como agregadoras na consolidação dos coletivos socioambientais.

PALAVRAS FINAIS

Nessa pesquisa pode-se observar que o engajamento é um aspecto importante na formação de comportamentos pró-ambientais. No entanto, o processo de formação desse comportamento envolve uma complexidade de aspectos diferenciados. No jovem, esses aspectos estão atrelados inclusive a características próprias da juventude. Por isso, ao fomentar um maior compromisso ambiental na juventude, precisa-se de um entendimento maior desse fenômeno. Entendimento inclusive da própria juventude e suas diferenças. Dentre os jovens entrevistados verifica-se que há diferenças marcantes entre eles quando comparados com os dados de pesquisas sobre juventude. Há um maior nível de escolarização, renda familiar e empregabilidade. Características associadas ao engajamento e participação dos jovens nos coletivos.

O interesse pelas questões ambientais surge baseado no exemplo e na afetividade. A contribuição de pessoas que servem de inspiração para os jovens e os levam a refletir sobre a crise ambiental e as necessárias atividades de proteção ambiental, são fundamentais nessa caminhada. É nesse momento inicial que a família se apresenta como um importante espaço para o surgimento do interesse ambiental. As experiências ao longo da vida contribuem para a construção de uma identidade ambiental, que não é essencialista, mas em muitos momentos paradoxal. Uma conjunção de aspectos tece essa identidade, onde o interesse não é, por si só, determinante para o surgimento do engajamento pró-ambiental. Por ser um comportamento vinculado à busca de um bem comum, esse engajamento requer uma atuação coletiva. Por isso, mesmo com um interesse ambiental, o jovem só consegue desenvolver suas habilidades totalmente integrando-se a um grupo.

Os coletivos são um espaço muito importante para os jovens, pois é neles que eles desenvolvem sua autonomia e outras habilidades necessárias para a atuação pró-ambiental. É onde o engajamento socioambiental toma forma e se constitui. Pois apesar do interesse e aproximação com as questões ambientais é com a participação nos coletivos que o jovem inicia a sua intervenção pró-ambiental. Os coletivos oferecem também a partilha de conhecimento e de informações, dois aspectos importantes para o desenvolvimento de mais ações que visem cuidado com o ambiente. A importância dos coletivos está também na visibilidade e impacto das ações na sociedade como um todo, que individualmente são bem menores que nas ações coletivas. Isso permite com que o jovem se sinta animado, valorizado e uma pessoa importante para a sociedade por estar contribuindo com o cuidado ambiental.

Esse reconhecimento se mostrou um importante item de motivação para a permanência dos jovens nos coletivos. Sentir que ele está contribuindo com a construção de uma sociedade mais sustentável, sentir que ele é um jovem responsável faz com que eles busquem sempre um maior engajamento. Sua participação nesses coletivos afeta as famílias, o trabalho, os estudos, pois tentam levar um pouco do seu conhecimento sobre as questões ambientais e o desejo de contribuir com uma mudança da realidade atual. Entretanto, apesar de todo esse envolvimento, nem sempre os jovens conseguem ser pró-ambientais, principalmente na atuação em grupo. As dificuldades surgem e impedem que muitas ações pró-ambientais sejam realizadas. Entre elas estão: a falta de conhecimento, a falta de tempo disponível, a falta de recursos financeiros, a falta de compromisso dos outros, etc. Em casos extremos, isso pode até causar a extinção do grupo, mas o que se vê constantemente são as diferentes estratégias que os jovens buscam para contornar tais dificuldades.

Os grupos socioambientais que envolvem jovens na sua constituição trazem benefícios a esses jovens e estes por sua vez, trazem dinamicidade aos coletivos. A pesquisa mostrou que a importância do grupo está nessa canalização da vontade do jovem em contribuir com a questão ambiental. O grupo oferece as ferramentas e o apoio necessário para que o jovem se sinta empoderado e a ter um maior engajamento cívico. Apesar de todas essas descobertas a pesquisa apresenta uma limitação nos seus resultados, principalmente em decorrência do número de pessoas entrevistadas, do tempo e recursos para a realização dos estudos. Entretanto, esse tema de pesquisa não está esgotado, visto que muitos fenômenos envolvendo o engajamento socioambiental de jovens ainda precisam ser investigados. Como as relações do engajamento com o perfil de cada grupo, as dinâmicas internas de hierarquia e as relações dos coletivos com outras instituições.

Portanto, ao fomentar o surgimento de mais coletivos socioambientais onde haja a presença de jovens, é importante considerar que seja um espaço de: obter conhecimento, para expressar as próprias ideias, de desenvolver novas habilidades, de fazer amigos, de resolver problemas, onde ele é valorizado. Todos esses fatores juntos constroem uma identidade ambiental que não se restringe ao grupo ou à juventude. Essa vivência no grupo ambiental é passageira, mas os ideais e a responsabilidade com o coletivo irão acompanhá-los durante toda a vida.

REFERÊNCIAS

ABEP. Critério de Classificação Econômica Brasil. 2015. Disponível em: www.abep.org

AGUILAR-LUZÓN, M.C.; CALVO-SALGUERO, A.; SALINAS, J.M. Beliefs and environmental behavior: The moderating effect of emotional intelligence. *Scandinavian Journal of Psychology*, n. 55, p. 619-629, 2014.

ALBUQUERQUE, D.S. *Protagonismo Socioambiental: o olhar dos jovens participantes de programas de educação ambiental*. Monografia. Manaus: Graduação em Psicologia/UFAM, 2013.

ALMEIDA, R. S. *Juventude e Participação: Novas formas de atuação juvenil na cidade de São Paulo*. Dissertação de Mestrado. Mestrado em Ciências Sociais. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo, 2009

AMÉRIGO, M.; GARCÍA, J. A. Perspectiva Multidimensional de la preocupación por el medio ambiente. Relación entre dimensiones actitudinales y comportamientos. *Psico*. V.45, n.3, pp. 406-414, jul-set, 2014

BAMBERG, S.; MÖSER, G. Twenty years after Hines, Hungerford, and Tomera: A new meta-analysis of psycho-social determinants of pro-environmental behavior. *Journal of Environmental Psychology*, 27, p-14-25, 2007

BERTOLDO, Raquel; CASTRO, Paula; S.BOUSFIELD, Andrea Bárbara. Pro-environmental beliefs and behaviours: two levels of response to environmental social norms. *Revista Latinoamericana de Psicología*, v.45, n.3, p. 437-448, 2013

BIROLI, M.I.A.M. Geração Ambientalista, o Devir da História: Jovens, Política e Meio Ambiente. In *Anais do XI Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação*. Recife, 2011.

BRASIL. *Temática juventude e Meio Ambiente integra edital de projetos de extensão*. Disponível em: www.brasil.gov.br/meio-ambiente/2014/03/tematica-juventude-e-meio-ambiente-integra-projetos-de-extensao. Acesso em 29/09/2015.

CARRANO, P. Jovens, escolas e cidades: desafios à autonomia e à convivência. *Revista Teias*, v. 12, n. 26, p. 07-22, set./dez. 2011

CARRANO, P. Juventude e Participação no Brasil – interdições e possibilidades. *Democracia viva*, n. 30, p. 3-5, jan/mar 2006

CARVALHO, I. C. M. Subjetividade e sujeito ecológico: contribuições da psicologia social para a educação ambiental In: *Educação ambiental: fundamentos, práticas e desafios*. 1 ed. Itajai(SC) : Editora da UNIVALI, v. Único, p. 29-36, 2007.

CARVALHO, I. C. M. A invenção do sujeito ecológico: identidades e subjetividade na formação dos educadores ambientais. In: Sato, M. & Carvalho, I. C. M. (orgs) *Educação Ambiental; pesquisa e desafios*. Porto Alegre, Artmed, 2005.

CARVALHO, I.C.M. *Sujeito ecológico: a dimensão subjetiva da ecologia*. S/D. Disponível em: <<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/me4655.pdf>> Acesso em: 21/01/2017

CINTRÓN-MOSCOSO, F. Cultivating Youth Proenvironmental Development: A critical Ecological Approach. *Ecopsychology*. V.2,n.1, p. 33-40, 2010.

COELHO, J.A.P.M.; GOUVEIA, V.V.; MILFONT, T.L. Valores humanos como explicadores de atitudes ambientais e intenção de comportamento pró-ambiental. *Psicologia em Estudo*, Maringá, v.11, n.1, p.199-207,jan/abr, 2006

COLLADO, S.; CORRALIZA, J.A.; SORREL, M.A.; EVANS, G.W. Spanish versión of the Children's Ecological Behavior (CEB) Scale. *Psicothema*, v. 27, n.1, p. 82-87, 2015.

CORBUCCI, P. R. Desigualdades no acesso dos jovens brasileiros à educação superior. In: SILVA, E.R.A; BOTELHO, R.U. (ORGs). *Dimensões da experiência juvenil brasileira e novos desafios às políticas públicas*. Brasília: IPEA, 2016

CORRAL-VERDUGO, V; TAPIA-FOLLEN, C.; ORTIZ-VALDEZ, A; FRAIJO-SING, B. Las Virtudes de la humanidad, justicia y moderación y su relación con la conducta sustentable. *Revista Latinoamericana de Psicología*, v. 45, n.3, p. 361-372, 2013

CÔRTEZ, P. L.; MORETTI, S.L.A. Consumo Verde: Um estudo transcultural sobre crenças, preocupações e atitudes ambientais. *ReMark – Revista Brasileira de Marketing*, v.12, n.3, p.45-76, 2013

CÔRTEZ, P.L.; DIAS, A.G.; FERNANDES, M.E.S.T.; PAMPLONA, J.M.V. Comportamento Ambiental: Estudo Comparativo Entre Estudantes Brasileiros e Portugueses. *Ambient. soc.* vol.19 no.3 São Paulo jul./set. 2016

CRUVINEL, R.C.; CONCEIÇÃO, M.P. A Relação Afetiva Construída em um Grupo de Mestrandos Inseridos em um Contexto de Ensino a Distância. *SIGNUM: Estud. Ling.*, Londrina, n. 17/2, p. 224-252, dez. 2014. DOI: 10.5433/2237-4876.2014v17n2p224

DINIZ, R. F.; PINHEIRO, J. Q. Cuidado Ambiental em Tempos de Sustentabilidade: Relação de Compromisso Pró-Ecológico e Orientação de Futuro. *PSICO*. V.45, n.3, p.387-394, jul-set, 2014

DONO, J.; WEBB, J.; RICHARDSON, B. The relationship between environmental activism, pro-environmental behaviour and social identity. *Journal of Environmental Psychology*, n.30, p. 178-186, 2010

DRESNER, M.; HANDELMAN, C.; BRAUN, S.; ROLLWAGWN-BOLLENS, G. Environmental identity, pro-environmental behaviors, and civic engagement of volunteer stewards in Portland area parks. *Environmental Education Research*, v. 21, n.7 p. 991-1010, 2015.

FERNANDEZ, C.F.B.; RODRIGUES, D.C.B.; NUNES, M.B.de A; TELES, M.A.P. Política Pública, Juventude e Sustentabilidade. *Argumentum*, Vitória (ES), v. 6, n.2, p. 201-217, 2014

GIFFORD, R. The Dragons of inaction: Psychological barriers that limit climate change mitigation. *American Psychologist*, v.66, n.4, p. 290-302, 2011.

GIFFORD, R.; NILSSON, A. Personal and social factors that influence pro-environmental concern and behavior: a review. *International Journal of Psychology*.v. 49, n.3, p. 141 – 157, 2014

GONÇALVES, P.M.C. “*Anticorpos de Gaia no Encontro das Águas*”: *Trajetórias de aprendizagem de jovens na trilha do ambientalismo*. Tese. Programa de Pós-Graduação em Educação. Orientação: Pedro Roberto Jacobi. Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo: São Paulo, 2010.

GRONHOJ, A.; THOGERSEN, J. Action speaks louder than words: The effect of personal attitudes and family norms on adolescents’ pro-environmental behavior. *Journal of Economic Psychology*, n.33, p.292-302, 2012

HERNÁNDEZ, B.; TABERNERO, C.; SUÁREZ, E. Psychosocial motivations and self-regulation processes that activate environmentally responsible behavior. In: VALENTIN, J.; GAMEZ, L. (orgs) *Environmental Psychology: New Developments*. Nova Science Publishers, 2009

IBGE. *Censo de 2010*. Disponível em: www.censo2010.ibge.gov.br

IGLESIAS, F.; CALDAS, L. S.; RABELO, L. A.T. Negando ou Subestimando problemas ambientais: Barreiras psicológicas ao Consumo responsável. *Psico*.v.45, n.2, pp. 377-386, jul-set 2014.

KAPLAN, S. Human Nature and Environmentally Responsible Behavior. *Journal of Social Issues*, v. 56, n. 3, p. 491-508, 2000.

KAPURDEWAN, M.; ISMAIL, Z.; ROTH, W.M. Promoting pro-environmental attitudes and reported behaviors of Malaysian pre-service teachers using green chemistry experiments. *Environmental Education Research*. V. 18, n. 3, p. 375-389, June 2012

KERKMAN, D.D. International Orientation, Cultural Values, and pro-environmental Attitudes: A Brief Progress Report. *Bulletin of People-Environmental Studies*, n.42, p 20-23, Winter 2015.

KOLLMUS, A.; AGYEMAN, J. Mind the Gap: why do people act environmentally and what are the barriers to pro-environmental behavior? *Environmental Education Research*, v. 8, n. 3, 2002

LARSON; L.R.; STEDMAN, R.C.; COOPER, C.B.; DECKER, D.J. Understanding the multi-dimensional structure of pro-environmental behavior. *Journal of Environmental Psychology*, N. 43, p. 112-124, 2015

LEFF, E. *Racionalidade Ambiental: a Reapropriação Social da Natureza*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.

- LOPES, J.J.M; VASCONCELOS, T. *Geografia da infância: territorialidades infantis. Currículo sem Fronteiras*, v.6, n.1, p. 103-127, 2006.
- MAIA, G. L. A juventude e os coletivos: como se articulam novas formas de expressão política. *Revista Eletrônica do Curso de Direito da UFSM*, v. 8, n.1, 2013.
- MASLOW, A. H. *Introdução à Psicologia do Ser*. Tradução: Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Eldorado, s/d.
- MEC – Ministério da Educação e MMA- Ministério do Meio Ambiente. *Relatório Final - Conferência Nacional Infanto-Juvenil pelo Meio Ambiente*. Brasília, 2003.
- MEYER, A. Does education increase pro-environmental behavior? Evidence from Europe. *Ecological Economics*, n. 116, p. 108-121, 2015.
- MOGHIMEHFAR, F.; HALPENNY, E. A. How do people negotiate through their constraints to engage in pro-environmental behavior? A study of front-county campers in Alberta, Canada. *Tourism Management*, n. 57, -362-372, 2016
- MOSCOVICI, F. *Desenvolvimento Interpessoal: Treinamento em Grupo*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2003.
- ONU. Rio +20. *O futuro que queremos*. Tradução: Júlia Restrepo. Rio de Janeiro: Comitê Facilitador da Sociedade Civil Catarinense, 2012
- PATO, C.M.L. *Comportamento Ecológico: relações com valores pessoais e crenças ambientais*. Brasília, 2004. Tese (Doutorado em Psicologia) – Universidade de Brasília, Brasília, 2004. [Orientador: Prof. Dr. Álvaro Tamayo].
- PEIXOTO, L.A.G. *O engajamento ecológico como possibilidade de formação da politicidade dos jovens*. Dissertação. Brasília: Centro de Desenvolvimento Sustentável, Universidade de Brasília, 2011
- PERONDI, M. *Narrativas de jovens: experiências de participação social e sentidos atribuídos às suas vidas*. Tese – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade de Educação, PPG- Educação, 2013.
- PNUMA. TUNZA. Disponível em: www.pnuma.org/tunza/acerca.php. Acesso em: 29/09/2015.
- PRADHANANGA, A.K.; DAVENPORT, M.; OLSON, B. Landowner Motivations for Civic Engagement in Water Resource Protection. *Journal of the American Water Resources Association*, v. 51, n. 6, p – 1600-1612, December 2015
- REES, J. H.; BAMBERG, S. Climate protection needs societal change: Determinants of intention to participate in collective climate action. *European Journal of Social Psychology*, n.44, p- 466-473, 2014

ROSA, D.C.C.B.; ROAZZI, A.; HIGUCHI, M.I.G. PSICAMB- Perfil de afinidade ecológica: um estudo sobre os indicadores da postura perante a natureza. *PSICO*, Porto Alegre, v. 46, n.1; p. 139-149, jan-mar, 2015.

SANDER, C. Juventude e participação: um processo pedagógico. In: III CONGRESSO INTERNACIONAL DE PEDAGOGIA SOCIAL, 3, 2010, São Paulo. *Proceedings online...* Associação Brasileira de Educadores Sociais (ABES), 2010. Disponível em: <http://www.proceedings.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=MSC000000092010000100004&lng=en&nrm=abn>. Acesso em: 11 ago. 2015.

SANTOS, L.M.M. *Nada do que foi é ou será: a inter-relação de jovens com seu ambiente*. Tese. Programa de Pós-Graduação em Psicologia. Brasília: UnB, 2008

SARRIERA, J.C.; XIMENES, V.M.; BEDIN, L.; RODRIGUES, A.L.; SCHUTZ, F.F.; Montserrat, C.; Silva, C.L. Bem-estar pessoal de pais e filhos e seus valores aspirados. *Aletheia*, n. 37, p. 91-104, 2012

SILVA, E.R.; MACEDO, D.M.B.; FIGUEIREDO, M.M.A. *Conciliação dos estudos, trabalho e vida familiar na juventude brasileira*. Organização Internacional do Trabalho (OIT); OITescritório no Brasil ; Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA). - Brasília: OIT, 2015

SILVA, K.B.B. *A institucionalização do Programa de Juventude e Meio Ambiente: movimentações de uma política na agenda governamental*. Dissertação. Rio Claro: Faculdade de Educação, UNESP, 2015

SILVA, P. A subjetivação presente no discurso do protagonismo juvenil. *Rev. Bras. Adolescência e Conflitualidade*, n. 0, p- 12-18, 2010

SILVEIRA, A. F. O Empoderamento e a Constituição de Capital Social entre a Juventude. In: BAQUERO, M.; CREMONESE, D. (Orgs) *Capital Social: Teoria e Prática*. Ijuí, maio de 2006.

SNJ - Secretaria Nacional da Juventude. *Agenda Juventude Brasil - Pesquisa Nacional sobre Perfil e Opinião dos Jovens Brasileiros 2013*. Brasília: Secretaria Geral da Presidência da República/ Participatório – Observatório Participativo da Juventude, 2013

SOUZA, C.; PAIVA, I.L. Faces da Juventude brasileira: entre o ideal e o real. *Estudos de Psicologia*, v. 17, n. 3, set-dez, p. 353-360, 2012

STEG, L.; VLEK, C. Encouraging pro-environmental behavior: An integrative review and research agenda. *Journal of Environmental Psychology*. n.29, p- 309-317, 2009

TURAGA, R.M.; HOWARTH, R.B.; BORSUK, M.E. Pro-environmental Behavior: Rational choice meets moral motivation. *Annals of the New York Academy of Sciences*. N. 1185, p. 211-224, 2010.

UNICEF. *Quem somos*. Disponível em: www.unicef.org.br. Acesso em 02/10/2015.

UZZEL, D. The psycho-spatial dimension to global environmental problems. *Journal of Environmental Psychology*, v.20, n.4, p. 307-318, 2000.

VESELINOVSKA, S. S.; PETROVSKA, S.; ZIVANOVIC, J. How to help children understand and respect nature? *Procedia Social and Behavioral Sciences*, n.2, p. 2244-2247, 2010

WINDHORST, E.; WILLIAMS, A. Growing Up, Naturally: The Mental Health Legacy of Early Nature Affiliation. *Ecopsychology*, v.7, n.3, 2015

ZITKOSKI, J. J.; HAMMES, L. J. Juventude, educação e cidadania: os desafios da participação social e política. *Revista Debates*, Porto Alegre, v.8, n.2, p.119-139, mai-ago, 2014

APÊNDICE 1

Gostaria que você lesse essas frases e avaliasse de acordo com o que você pensa. Não existe formas corretas ou incorretas, uma vez que estas atitudes devem ser o que você acredita que seja.

- (1) DISCORDA PLENAMENTE
 (2) DISCORDA
 (3) NEM DISCORDA NEM CONCORDA
 (4) CONCORDA
 (5) CONCORDA PLENAMENTE

Dizem por aí que...	Resposta
1. Evitar desperdícios dos recursos naturais deve ser um compromisso de todos nós brasileiros.	
2. As pessoas exageram os problemas ambientais provocados pelo uso do automóvel.	
3. A reciclagem contribui para a diminuição dos problemas ambientais gerados pelo uso abusivo de papéis.	
4. Reciclar latas de alumínio é uma fonte de economia para as indústrias.	
5. O Brasil é um país com muitas riquezas naturais e é impossível que essas riquezas acabem apenas pelas ações humanas.	
6. A luta dos ambientalistas ajuda a melhorar a nossa qualidade de vida.	
7. Se as coisas continuarem como estão, vivenciaremos em breve uma catástrofe Ecológica.	
8. Evitar a compra de produtos poluentes faz com que as empresas se preocupem mais com o meio ambiente.	
9. As pessoas deveriam boicotar as empresas que poluem o meio ambiente para exigir produtos ecologicamente corretos.	
10. O lixo é responsabilidade apenas do órgão de limpeza urbana.	
11. Se existissem mais campanhas esclarecendo a população sobre os problemas ambientais, a situação brasileira estaria melhor.	
12. O governo deveria se preocupar mais com os problemas sociais do que com os ambientais.	
13. Alimentos produzidos organicamente são melhores para a saúde humana.	
14. Os ecologistas estão preocupados demais com as plantas e os animais e se esquecem das pessoas.	
15. A natureza tem uma capacidade inesgotável de se recuperar dos danos provocados pelas ações humanas.	
16. O homem é o responsável pelo desequilíbrio na natureza.	
17. Os recursos naturais estão aí para servir ao homem.	
18. É possível manter o equilíbrio ecológico e ter uma boa qualidade de vida.	
19. Os homens estão abusando do meio ambiente.	
20. A nossa qualidade de vida depende diretamente dos bens de consumo que possuímos.	
21. Os problemas ambientais são consequência da vida moderna.	
22. A interferência dos seres humanos na natureza frequentemente produz consequências desastrosas.	
23. O equilíbrio da natureza é forte o suficiente para se ajustar aos impactos das nações industriais modernas.	
24. Separar o lixo conforme o tipo ajuda na preservação do meio ambiente.	
25. Usar muito papel causa problemas sérios, mas eu não posso fazer nada sobre isso.	
26. O consumismo agrava os problemas ambientais.	

APÊNDICE 2

Formulário – orientação de entrevista

1. Cidade: _____ 2. Grupo: _____ 3. Gênero: () F () M
4. Idade: ____ 5. Religião: _____ 6. Escolaridade: _____
7. Quais as suas atividades principais? () estudar () trabalhar () estudar e trabalhar
() outros _____
8. Em qual(is) área(s) são as suas atividades? _____
9. Numa escala de renda mensal como você situa sua família:

Até R\$ 2.000,00	Até R\$ 4.000,00	Até R\$ 6.000,00	Até R\$ 10.000,00	Até R\$ 15.000,00	Mais de R\$ 15.000,00	Não Sei
1	2	3	4	5	6	9

10. Principal interesse de passatempo: _____
11. Principal interesse de profissão: _____

MOTIVAÇÕES NA PARTICIPAÇÃO GRUPAL

12. Há quanto tempo você participa deste grupo?
13. O que (quem) te levou a participar dessas atividades no grupo?
14. O que motiva você a participar do grupo?
15. Em relação aos seus colegas, em qual posição vc se situa em relação ao **compromisso em manter o grupo ativo?**

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
---	---	---	---	---	---	---	---	---	----

16. Em que posição vc colocaria **A MAIORIA** dos seus colegas de grupo em relação a esse compromisso?

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
---	---	---	---	---	---	---	---	---	----

17. O que você acha que **facilita a participação de jovens** em grupos de interesse pelas questões ambientais?

18. **E o que dificulta?**

19. **O que significa** para você **participar desse grupo?**

20. Você acha que **se não tivesse o grupo** você conseguiria fazer o que faz? Por que?

INTERESSE E EXPERIÊNCIAS EM PROL DO AMBIENTE

21. Tem alguma coisa em especial na sua vida que influenciou seu interesse pelas questões ambientais? (*Ver se esse interesse surgiu de repente devido a um evento qualquer? Tem alguma relação com familiares, amigos, escola? Os membros do grupo são seus amigos, colegas, familiares?*).

22. Como você situa **sua família** numa escala de interesse e ações de cuidado ambiental?

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
---	---	---	---	---	---	---	---	---	----

23. Como você situa **sua escola** numa escala de interesse e ações de cuidado ambiental?

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
---	---	---	---	---	---	---	---	---	----

24. Como **you se situa** numa escala de interesse e ações de cuidado ambiental?

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
---	---	---	---	---	---	---	---	---	----

25. Entre os problemas ambientais qual mais te preocupa atualmente? Por que?

26. Como você acha que esse problema pode ser solucionado?

ASPECTOS CONTEXTUAIS DE AÇÃO

Agora vou citar algumas situações comuns que podem acontecer. Vou dizer duas a duas. Aí gostaria que você me dissesse em qual delas você acha que se sente mais instigado, qual seria prioritário agir, a tomar uma atitude? Por quê?

27.

Para combater uma queimada próxima a cidade.	Para salvar animais afetados por um derramamento de óleo no rio.
--	--

28.

Para plantar árvores na sua cidade.	Para instalar lixeiras públicas na sua cidade.
-------------------------------------	--

29.

Para promover atividades de sensibilização ambiental numa escola.	Para promover atividades recreativas numa área verde.
---	---

30. Ordem de prioridade de ações. *Veja esses cartões. Neles estão escritas diferentes ações em relação ao meio ambiente. Gostaria que você colocasse aquela que estaria em primeiro lugar no seu rol de prioridades. (Continuar assim até completar todas).*

Ações	Prioridade
Assinar uma petição online para diminuição das queimadas	
Participar de uma ação de resgate de animais abandonados	
Ir à uma audiência pública sobre o saneamento básico da sua cidade	
Economizar energia na sua casa	
Participar de plantio de mata ciliar de um igarapé	
Fazer denúncias de problemas ambientais nas redes sociais	
Participar de uma campanha para diminuição do uso de automóveis	
Fazer coleta seletiva numa escola	
Fazer compostagem em casa	
Fazer uma palestra de sensibilização ambiental para crianças	

31. Justificativa da escolha em primeiro lugar: *Por que?*

ANEXO1

Comprovante de aprovação no CEP



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: ASPECTOS CONSTITUTIVOS DO COMPORTAMENTO PRÓ-AMBIENTAL DE JOVENS ATUANTES NA ÁREA AMBIENTAL NA REGIÃO METROPOLITANA DE

Pesquisador: Damaris Teixeira Paz

Área Temática:

Versão: 3

CAAE: 56650316.2.0000.5020

Instituição Proponente: Universidade Federal do Amazonas - UFAM

Patrocinador Principal: MINISTERIO DA CIENCIA, TECNOLOGIA E INOVACAO

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 1.660.619

Apresentação do Projeto:

Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Ciências do Ambiente e Sustentabilidade na Amazônia PPG/CASA. A pesquisa proposta tem como foco o comportamento pró-ambiental, que é um termo utilizado pela psicologia ambiental para definir um comportamento ou uma conduta de cuidado com o ambiente (PATO, 2004; KAPUDERWAN et al., 2012; DRESNER et al., 2015). A análise será feita com jovens que participam de grupos cujo o objetivo incluía a atuação na proteção ambiental, dentro dos municípios da região metropolitana de Manaus/AM, Brasil. Serão utilizadas entrevistas semi-estruturadas e uma escala social do tipo likert.

Objetivo da Pesquisa:

Objetivo Primário: Objetivo geral Analisar aspectos constitutivos do comportamento pró-ambiental de jovens atuantes em grupos de proteção ao meio ambiente na região metropolitana de Manaus/AM. **Objetivo Secundário:** Objetivos específicos • Compreender as principais motivações para atuação grupal em questões socioambientais; • Caracterizar as experiências vividas que marcaram o interesse pelas questões ambientais; • Elencar aspectos contextuais que esses jovens consideram importante para a efetiva manifestação do comportamento pró-ambiental; • Identificar os valores considerados fundamentais pelos jovens para a formação do comportamento pró-ambiental.

Endereço: Rua Tereza, 4950

Bairro: Adrianópolis

CEP: 69.057-070

UF: AM

Município: MANAUS

Telefone: (92)3305-5130

Fax: (92)3305-5130

E-mail: cep@ufam.edu.br